UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

RAFAEL GUSTAVO LOPES SIMÕES

VIOLÊNCIAS NO FUTSAL E FUTEBOL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS

Niterói

2023

RAFAEL GUSTAVO LOPES SIMÕES

VIOLÊNCIAS NO FUTSAL E FUTEBOL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, da Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física. Área de Concentração: Linha de Pesquisa: Educação Física, Atividade Física, Esporte e Manifestações Socioculturais. Projeto vinculado: Relações Étnico-Raciais, Gênero, Educação Física e Esporte: significados instituídos e instituintes.

Orientador: Prof. Dr. **Carlos Alberto Figueiredo da Silva**

Niterói

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Simões, Rafael Gustavo Lopes.
S593 Violências no futsal e futebol feminino: percepções de atletas universitárias. / Rafael Gustavo Lopes Simões. – Niterói, RJ, 2023.
x, 82p.
[Numeração da publicação: [i] – x, 11-82.
Referências: P. 75.
Apêndice(s): P. 76-79.
Anexo(s): P. 80-82.

Orientador: PhD. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.
Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, 2023.

1. Futebol feminino - Violência. 2. Futsal feminino – Violência. 3. Futebol e Futsal – Atletas universitárias – Violência. I. TÍTULO.

CDD 796.334082

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

RAFAEL GUSTAVO LOPES SIMÕES

"VIOLÊNCIAS NO FUTSAL E FUTEBOL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS"

Dissertação submetida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física, aprovada no dia 29 de março de 2023 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva
Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Prof.ª Dr.ª Geovana Coiceiro
Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos
Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo a todas e todos que fazem parte do mundo do futsal e futebol, seja torcendo, jogando, narrando, arbitrando, escrevendo e debatendo ou qualquer outro tipo de ligação, mas que, principalmente acreditam em um esporte feito de respeito, igualdade, inclusão, diversão e alegria.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Salgado de Oliveira pelo incentivo à pesquisa de uma forma geral e em específico pelo fomento da bolsa para realização desse estudo;

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Figueiredo, pela sua disponibilidade e incentivo que foram fundamentais para realizar e prosseguir este estudo. Saliento o apoio incondicional prestado, a forma interessada e pertinente como acompanhou a realização deste trabalho. As suas críticas construtivas, as discussões e reflexões foram fundamentais ao longo de todo o percurso.

Ao Prof. Dr. Roberto Ferreira, pelas aulas extremamente positivas e por todos os debates principalmente no que tange sobre as violências nos esportes, seu apoio e críticas construtivas foram fundamentais no percurso desse estudo;

A minha mãe, Aurora Lopes Simões, por todas as orientações sejam pessoais ou profissionais, debates, ideias e ideais de igualdade, pelas lutas como professora e mulher, por sempre acreditar que minha vida é a Educação Física, pelo apoio incondicional e por me ensinar sempre que a educação vai muito além dos muros da escola;

Ao meu pai, Jerri Simões (in memorian), aos ensinamentos que deixou, por ter despertado meu amor pelo Vasco e pelo futebol;

Ao meu irmão, Chuli Simões por compartilhar toda essa paixão pelo futebol e por sempre torcer por mim na profissão e na vida;

A minha esposa Andreia, por compreender toda loucura que é minha profissão e por andarmos lado a lado, dividindo responsabilidades e nunca achando que existem tarefas de homem ou de mulher;

A minha filha Mariana, por ser fonte de aprendizado constante, pela “ousadia” de ter trocado o balé pelos treinos de futebol, mesmo que seja só por diversão, por não se conformar que o mundo deve ser dos homens e pela paixão em comum que temos pelo Vasco e futebol;

Ao meu filho Gustavo, por saber respeitar que futebol é para todos e todas, por amar tanto o Vasco e o futebol e por aprendermos juntos que um mundo machista não é um bom lugar pra se viver;

A todas as minhas alunas com que convivi sejam crianças, adolescentes ou adultas, que sempre me mostraram que o lugar de vocês é onde vocês quiserem;

As atletas da equipe de futsal da Atlética de Educação Física da Estácio Nova Iguaçu, pelas entrevistas, depoimentos e por compartilharem de suas histórias e lutas.

EPÍGRAFE

Desde pequena muito preconceito
Aqueles papo futebol não é pra mulher
Mas aprendi a dominar no peito
Pôr no chão e responder com a bola no pé
Sempre com a molecada correndo na rua
É ligeira monta o time e a panela é sua
Não quer brincar de boneca nem pintar na escola
Só quer saber de driblar, correr atrás de bola
Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola no meu pé

JOGADEIRA

Composição: Cacau Fernandes / Gabi Kivitz

RESUMO

O objetivo principal desse estudo foi descrever as percepções de atletas femininas de futsal universitário sobre preconceitos, discriminações e violências no campo desse esporte, de forma a analisar os processos estruturados e estruturantes que sustentam tais comportamentos. Além disso, buscou-se discutir o preconceito presente no futebol/futsal feminino e os estigmas associados a esse esporte, investigar os tipos de violências sofridas pelas mulheres no âmbito do futebol e futsal feminino e descrever o processo histórico do futebol e futsal feminino brasileiro. Nesse estudo foram realizadas duas pesquisas distintas e complementares que resultaram em dois artigos. O primeiro artigo de revisão de literatura é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de característica sistemática, abordando os tipos de preconceitos vivenciados pelas mulheres que praticam futsal e futebol, além das violências oriundas desses preconceitos. As bases de dados escolhidas foram o Google, o Google Acadêmico e Scielo. Para análise dos temas propostos, foram utilizadas como fontes de pesquisa: artigos, periódicos, matérias jornalísticas em sites, livros de esportes e de educação física. Para o segundo artigo foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter quali-quantitativa, na qual foram entrevistadas quinze atletas universitárias de futsal da equipe feminina da Atlética do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu.Com esta investigação, buscou-se destacar as atribuições e o desenvolvimento das mulheres e as dificuldades encontradas por elas, em especial no futebol e no futsal. Para o embasamento teórico desse estudo , foi realizada uma revisão narrativa de literatura com base em artigos, tendo como fonte primária de pesquisa o Google Acadêmico, além de livros e sites. Chegando ao fim da construção desse estudo , conclui-se que apesar dos avanços conquistados pelas mulheres, o preconceito no futsal e futebol de mulheres e os estereótipos ainda predominam, muito por conta do machismo que ainda perdura na sociedade, e que apesar dos avanços vistos nesses esportes ainda faltam investimentos mais robustos ,principalmente nas categorias de base para o pleno desenvolvimento das modalidades.

Palavras-chave: Futebol; Futsal; Violência; Mulheres; Construção social do gênero.

ABSTRACT

The main objective of this study was to describe the perceptions of female university futsal athletes about prejudice, discrimination and violence in the field of this sport, in order to analyze the structured and structuring processes that support such behaviors. In addition, we sought to discuss the prejudice present in women's football/futsal and the stigmas associated with this sport, to investigate the types of violence suffered by women in the context of women's football and futsal and to describe the historical process of Brazilian women's football and futsal. In this study, two distinct and complementary surveys were carried out, which resulted in two articles. The first literature review article is the result of a bibliographical research, of a systematic nature, addressing the types of prejudice experienced by women who practice futsal and soccer, in addition to the violence arising from these prejudices. The databases chosen were Google, Google Scholar and Scielo. For the analysis of the proposed themes, the following research sources were used: articles, periodicals, journalistic articles on websites, sports and physical education books. For the second article, a qualitative and quantitative field research was carried out, in which fifteen university futsal athletes from the women's team of Athletics of the Physical Education course at Estácio de Sá University - Campus Nova Iguaçu were interviewed. we sought to highlight the attributions and development of women and the difficulties encountered by them, especially in soccer and futsal. For the theoretical basis of this study, a narrative literature review was carried out based on articles, using Google Scholar as the primary research source, in addition to books and websites. Coming to the end of the construction of this study, it is concluded that despite the advances achieved by women, prejudice in futsal and women's soccer and stereotypes still predominate, largely because of the machismo that still persists in society, and that despite the advances seen these sports still lack more robust investments, mainly in the basic categories for the full development of the modalities.

Keywords: Soccer; Futsal; Violence;,Women; Social construction of gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11
Justificativa……13
Relevância……..13
Objetivo Geral .....….....14
Objetivos Específicos .....….....14
METODOLOGIA…….....14
ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA 16
Referências 47
ARTIGO DE PESQUISA DE CAMPO.....51
Referências.....71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....73
Referências.....
APÊNDICES E ANEXOS 75
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 76
Apêndice B-Matriz da Entrevista.....78
Apêndice C – Parecer do Comitê de Ética.....….....80
Apêndice D – Relatório Copyspider.....…….... 81
Apêndice E- Demais produções acadêmicas e participações em eventos.....82

INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno emocional impossível de se explicar. Desperta sentimentos opostos em questões de minutos, ao ponto de, numa fração de segundos, um ídolo passar de bestial à besta. Já foi chamado de "ópio do povo" [1], elitista e segregador. Apesar dos avanços, principalmente nas questões étnicas, ainda é bastante discriminador, principalmente para gays e mulheres que sofreram e ainda sofrem, enorme resistência na prática do "esporte mais popular do mundo", seja por diversão ou profissionalmente.

Embora essas questões ainda estejam muito presentes, o futebol está constantemente em transformação e já vislumbramos alguns avanços significativos. Apesar de a Federação Internacional de Futebol (FIFA), maior entidade que rege o esporte no mundo ter seus códigos de proibição de manifestação, como a proibição do uso da braçadeira em apoio à comunidade LGBTQIA+ na Copa do Mundo de 2022 no Catar[2], o futebol, ao longo do tempo, tem sido um espaço de luta social e política.

No Brasil, o futebol é patrimônio cultural e, ao associar futebol como patrimônio cultural, faz-se uma referência a uma experiência construída e desfrutada por qualquer sujeito social, mesmo que esses agentes não estejam ligados diretamente às práticas futebolísticas comuns como torcer, praticar ou gerir o futebol. "Quem joga futebol não joga sozinho, joga na coletividade que se formou pela integração de diferentes peças" (ABEL, 2020, p.15). DaMatta (1982, p. 56) sugere que: "o futebol poderia ser visto como uma instituição capaz de juntar muitas esferas da vida social e agentes".

Ao falar de sujeitos sociais, a ideia é de uma abrangência ampla, porém, existe um entendimento, socialmente motivado e de ordem ainda dominante, de que por meio das normas, símbolos e atitudes dos seres humanos se promove aquilo que é feminino ou masculino em cada cultura. Nesse modelo de pensamento, objetos e atividades são impostos para o sexo designado ao nascer, apenas levando em consideração o fator biológico. No entanto, em contraposição à biologização sugerida pelos atributos do sexo, o conceito de gênero surge-nos aqui como uma categoria, pois leva em conta fatores sociais, históricos e culturais do sujeito, ou seja, não há conceitos pré-existentes, uma vez que as identidades de gênero são mutantes e mutáveis (BERGER; LUCKMANN, 1978).

1 PEREIRA, Merval.

2 Momento do Esporte - Juca Kfouri

Assim, o estereótipo para cada gênero, ou seja, o que é considerado um padrão de feminilidade ou masculinidade, não consiste em uma determinação biológica, e sim em uma construção social, podendo, portanto, variar não só entre diferentes sociedades, mas também dentro de uma mesma sociedade, com o decorrer do tempo (KIMMEL, 1998).

Com a finalidade de reforçar essa ideia, Burigo traz que:

> A teoria do gênero não rejeita a existência do "masculino" e nem do "feminino" como binários opostos, mas se caracteriza por indicar que a representação dogmática desse binário não pode ser a única forma de reconhecermos identidades e pessoas (2022, p, 28).

Para Medeiros:

> O futebol, como esporte mais popular do Brasil, marca um grande espaço de preconceito com a mulher em seus muitos aspectos. Esteja a mulher no espaço de atleta, no espaço de comissão técnica ou no espaço de torcedora, os ataques marcados por um meio reconhecidamente machista são frequentes, inexistindo instrumentos específicos para defesa dessa minoria. (2020, p. 17)

Muito disso se explica por conta de que grande parte do mundo, em especial o Brasil, ainda vive sob a égide do patriarcado. Burigo (2022) reforça essa ideia ao apontar que no Brasil a configuração de poder está formada em sua maioria por homens cis brancos e ricos. E ainda, segundo Burigo (2022), o patriarcado cis heteronormativo supremacista branco existe e ocupa a maioria de assentos nos cargos mais elevados de poder político, econômico e social.

Ao fazer uma analogia com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade máxima do futebol no Brasil, encontra-se essa mesma configuração de poder. O que explica em parte a pouca visibilidade e principalmente a pouca estrutura para que o futebol feminino possa crescer, desenvolver-se e tornar-se um esporte respeitado, fora da sombra do futebol masculino.

Anda há muitas questões a serem resolvidas para que o futebol feminino avance e ocupe seu devido lugar apesar dos inúmeros avanços em termos de visibilidade das mulheres no meio futebolístico, e aqui o apontamento se refere ao futebol masculino e feminino, principalmente na última copa do mundo de futebol masculino, em 2022, foi possível perceber importantes avanços. Pela primeira vez, nas transmissões de TV aberta, as mulheres tiveram espaço como narradoras e como comentaristas dos jogos. Embora ainda em pequeno número, já se pode assistir, também na TV aberta, a transmissão de alguns jogos de times profissionais de mulheres.

Esses avanços demonstram uma perspectiva de mudanças que vieram para ficar, mas ainda se tem muito para avançar, principalmente no que diz respeito aos preconceitos e investimentos.

Futebol de mulheres ou futebol feminino?

O termo futebol de mulheres foi cunhado a partir das reflexões propostas por Kessler (2015). A autora defende uma mudança no olhar sobre esse universo com o objetivo de contemplar a diversidade presente nos mundos futebolísticos de mulheres:

> O termo futebol de mulheres relaciona a um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. Ou seja, entendo o termo 'mulheres' como abrangendo corpos e subjetividades de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais (KESSLER, 2015, p. 32).

Os dois termos são utilizados nessa dissertação, um por ser a nomenclatura oficial das federações e outro por contextualizar, de maneira mais ampla, algumas relações de gênero.

Relevância do projeto e justificativa

A questão das violências contra as mulheres no futebol aponta para além da esfera esportiva. De acordo com os dados do IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família) os casos de feminicídio, em 2022, bateram recordes[3]. Dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, que abrangeram atos de violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial, apontaram mais de 31 mil denúncias de violência contra a mulher, somente no primeiro semestre de 2022[4]. Portanto, ao analisar essas estatísticas, percebe-se que a questão da violência contra a mulher é estrutural e tem seus reflexos no futebol.

Esses recortes e afirmações demonstram o quanto o machismo e a misoginia de uma sociedade pautada no domínio do patriarcado são fatores preponderantes para que o futebol feminino ainda careça de visibilidade e investimentos. Ao expor, denunciar e lutar contra esse machismo na sociedade e, como consequência, no futebol de mulheres, contribui-se para que mudanças importantes aconteçam.

Para Burigo (2022), os homens feministas deveriam saber que seu lugar no feminismo não é se defendendo, nem interpelando a fala das mulheres, mas sim usar seu lugar de

3 Fonte: Assessoria de Comunicação do IBDFAM (com informações do G1)

4 Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (agosto de 2022)

privilégio para falar de feminismo para outros homens.

Nesse sentido, este estudo não pretende “ajudar” o futebol feminino, mas sim, ampliar os debates sobre as diferentes questões que permeiam sua prática por mulheres. O estudo pretende ainda, mostrar que o futebol feminino profissional deve ser tratado como um negócio que pode ser rentável e que deve haver aumento real de investimentos para que dê o retorno financeiro para quem atua nele. Para além desses aspectos, incentivar os fomentos à prática do esporte, fazendo com que ele possa exercer um dos seus papéis fundamentais, que é o lado social.

Objetivos

Objetivo geral

Descrever as percepções de atletas femininas de futsal universitário sobre preconceitos, discriminações e violências no campo desse esporte, de forma a analisar os processos estruturados e estruturantes que sustentam tais comportamentos.

Objetivos específicos

- Investigar as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade em jogadoras universitárias de futsal;
- Discutir o preconceito presente no futebol/futsal feminino e os estigmas associados a esse esporte.
- Investigar os tipos de violências sofridas pelas mulheres no âmbito do futebol e futsal feminino.
- Descrever o processo histórico do futebol e futsal feminino brasileiro.

Metodologia

O estudo está dividido em duas partes. A primeira refere-se a uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Para realizar este estudo, procedeu-se a uma busca por autores que tiveram como objeto de estudo a violência de forma ampla no futebol e no futsal, e em especial às violências sofridas pelas mulheres nestes esportes, ao longo do tempo. Para esta busca, foram utilizadas as palavras-chave: futebol; futsal de mulheres; violência e esportes; gênero e esporte, preconceito e esporte, feminismo e esporte.

Visando o aprofundamento desta questão importante de nossa sociedade, para este estudo, foi feito um recorte sobre o Futsal Feminino, sendo realizadas entrevistas com atletas universitárias de futsal, da equipe da Atlética Universitária da Universidade Estácio de Sá, Campus Nova Iguaçu.

A inclusão do futsal como objeto de estudo se deu por conta desse esporte ter uma profunda relação com o futebol, pois este serviu como base da criação daquele, por ser um dos esportes mais praticados nas escolas de ensino regular e por ser uma porta de entrada para o futebol. Além dos motivos antes citados, entendemos que o futsal e futebol femininos caminham lado a lado com os mesmos preconceitos, discriminações e violências.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil, com o CAAE: 65821222.5.0000.5289 e Parecer: 5.888.122.

ARTIGO DE REVISÃO

Violências contra mulheres futebolistas no Brasil: uma revisão de literatura

"Uma feminista é qualquer pessoa que reconhece igualdade e humanidade plena em mulheres e homens." Glória Steinem

Resumo
Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de característica sistemática, abordando os tipos de preconceitos vivenciados pelas mulheres que praticam futsal e futebol, além das violências oriundas desses preconceitos. As bases de dados escolhidas foram o Google, o Google Acadêmico e Scielo. Para análise dos temas propostos, foram utilizadas como fontes de pesquisa: artigos, periódicos, matérias jornalísticas em sites, livros de esportes e de educação física. Foram analisadas publicações desde 1998, buscando evidenciar os vestígios e as rupturas existentes entre diferentes épocas no esporte. Foram pesquisados 72 trabalhos, sendo selecionados 22 artigos, 14 livros e duas dissertações, sendo 34 descartados em função dos critérios de exclusão. Buscou-se expor a diferença de estereótipos de gêneros no esporte desde o início da prática esportiva por mulheres, destacando as atribuições, desenvolvimento e as dificuldades encontradas por elas, em especial no futebol e no futsal; além de identificar os vários tipos de preconceito, sejam eles de forma social, racial, orientação sexual e às vezes até mesmo no âmbito familiar que são vividos por mulheres praticantes do futebol e suas variantes, e assim como as violências decorrentes. Como resultados encontrados nas leituras, pode-se destacar a presença do preconceito e discriminação no futsal e futebol feminino no Brasil. Observou-se que esses atos resultam em stress, exclusão e falta de incentivo da prática e diversas formas de violência contra as futebolistas.
Palavras-chave: Futebol; Futsal, Violência; Preconceito; Mulheres

Abstract

This article is the result of a systematic bibliographical research, addressing the types of prejudice experienced by women who practice futsal and soccer, in addition to the violence arising from these prejudices. The databases chosen were Google, Google Scholar and Scielo. For the analysis of the proposed themes, the following research sources were used: articles, periodicals, journalistic articles on websites, sports and physical education books. Publications since 1998 were analyzed, seeking to highlight the vestiges and ruptures existing between different periods in the sport. A total of 72 papers were searched, with 22 articles, 14 books and two dissertations being selected, 34 of which were discarded due to the exclusion criteria. We sought to expose the difference in gender stereotypes in sport since the beginning of sports practice by women, highlighting the attributions, development and difficulties encountered by them, especially in soccer and futsal; in addition to identifying the various types of prejudice, be they social, racial, sexual orientation and sometimes even within the family that are experienced by women who practice soccer and its variants, as well as the resulting violence. As results found in the readings, the presence of prejudice and discrimination in futsal and women's soccer in Brazil can be highlighted. It was observed that these acts result in stress, exclusion and lack of incentive to practice and various forms of violence against female soccer players.
Keywords: Soccer; Futsal, Violence; Preconception; Women.

INTRODUÇÃO

"Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?" (SKANK, 2016).

O sonho de ser jogador de futebol é de milhões de meninos e pertence também às meninas, porém, se para aqueles as dificuldades já são imensas, afinal são inúmeras peneiras nos mais diversos clubes do Brasil e escolinhas de futebol, o que dirá para elas? Borges *et al*., (2007) destacam a resiliência como característica das meninas que participam de projetos sociais de futebol, que se manifesta tanto para conseguir treinar, como para superar preconceitos e manter a feminilidade, uma vez que essas peneiras vão muito além das habilidades para o esporte.

Apesar de as mulheres garantirem um espaço de destaque no esporte desde o século XX, ainda hoje desperta curiosidade, meninas jogando por esporte ou lazer, "Atualmente, ainda ganha mais visibilidade os corpos das mulheres (ou partes deles) que o nível técnico-tático obtido por uma esportista" (MARTINS; WENETZ, 2020, p. 9).

Entre tantas questões enfrentadas pelas mulheres para ingressar no esporte, um aspecto importante se refere aos diversos argumentos que norteiam as proibições ou liberações das mulheres a praticarem futebol e futsal. Questionamentos que vão desde a masculinização da mulher, sendo muitas sendo rotuladas como lésbicas, até a exploração de sua sensualidade e a própria erotização do esporte feminino, que passa, pela aparência física e pelos uniformes que elas utilizam.

No tocante à feminilidade, as mulheres geralmente são julgadas a partir de um padrão masculino, relacionado ao corpo e ao comportamento. Desta forma, "estigmatizam-se aquelas que ultrapassam os limites, que convencionalmente lhe foram impostos" (GOELLNER, 2006, p. 35).

Glória Steneim, em entrevista ao site El Pais, em outubro de 2021, argumenta que "O autoritarismo começa com o controle sobre o corpo das mulheres".

Para Bandeira e Seffner, "no futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores" (2013, p. 251) e não raras vezes, as jogadoras de futebol são questionadas acerca de sua orientação sexual e por consequência sua

“feminilidade”.

> Agrega-se, portanto ao discurso da masculinização da mulher a associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, ou melhor, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo viril vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres, a partir de um referente que não aquele considerado como ‘normal’, qual seja o da heterossexualidade. Essa associação toma como sinônimas as identidades de gênero e as identidades sexuais (GOELLNER, 2005, p. 149).

Apesar, ou por causa disso, nota-se que muitas jogadoras, diferentemente do futebol masculino, assumem publicamente seus relacionamentos homoafetivos.

Goellner indica que “A masculinização das mulheres pelo futebol, portanto, só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada um dos dois polos contém” (2005, p.148). Dessa maneira, a visão que masculiniza ou feminiliza o sujeito social, se estabelece por conta dessa visão binária dos gêneros, que vai considerar que cada um, tem características próprias e únicas. “A mesma cultura que se impõe sobre as mulheres, vulnerabilizando-as, é também aquela que subjuga os homens que fogem à regra do estereótipo viril, forte, agressivo, impositivo de masculinidade” (CASTRO, 2015, p.13).

Seguindo com Goellner (2005, p. 147), “Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável”, caracterizando assim, mais uma forma de violência.

Por se tratar de um estudo que objetiva principalmente identificar os tipos de violências sofridos pelas mulheres, no âmbito do futebol e futsal, é de extrema importância observar os aspectos que o termo sugere, por meio de alguns estudos acerca da violência.

Rogel e colaboradores (2018) observam que:

> Qualquer tentativa de estudar e, consequentemente, entender a violência, obrigatoriamente nos leva a uma viagem histórica, na qual teremos que nos atentar com cuidadosas questões culturais, bem como questões interdisciplinares, uma vez que a violência não é isolada a um ramo da nossa vida, nem tampouco a uma determinada camada de nossa sociedade. Ao contrário, está presente em nosso cotidiano e enraizada por todos os espaços sociais, históricos, simbólicos (p.175).

Ao conceituar violência, Santos esclarece que:

> a violência configura-se como um dispositivo de controle aberto e contínuo, ou seja, a relação social caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro, pessoa, classe, gênero ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea (2004, p. 281).

Minayo e Souza defendem que:

> a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual (1998, p. 513).

A lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, em seu art. 5º, conceitua violência como:

> Qualquer conduta - ação ou omissão - de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato da vítima ser mulher. E que lhe cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

E no art. 7º, as formas de violência contra a mulher, são dispostas da seguinte maneira: "São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a violência patrimonial, a violência moral" (BRASIL, 2006).

A violência ocorre de maneiras diversas no cotidiano e pode ser realizada por diversos meios, como por exemplo, palavras negativas, ações físicas e uso de armas. Considerando que os esportes são importantes espaços de análise da relação entre os sexos, especialmente por serem contextos que, tal qual o universo do trabalho, ensinaram, expressaram e perpetuaram valores patriarcais, reafirmando concepções primordiais sobre o que é apropriado para homens e mulheres (DUNNING; MAGUIRE, 1997**)**, a violência é uma constante. Para Osborne e colaboradores "Os sentimentos que geram a violência giram em torno da raiva, medo, intolerância, inveja etc." (OSBORNE *et al*., 2018, p.111). Os autores defendem que "enquanto fenômeno social, o esporte reflete e vivencia a violência instaurada e praticada pela sociedade" (2018, p. 115). Posição corroborada por Murad em seu livro 'A violência no futebol':

> A violência é um fenômeno social, e suas raízes são sociais, mas também um fenômeno humano, e suas raízes são humanas. Ao estudarmos a história da humanidade, podemos concluir que se trata de uma trajetória de violências, sejam elas diretas ou indiretas violências econômica política, cultural social, psicológicas, simbólica racial, de gênero, de opção sexual, de idade, de poder... todas humanas, embora sempre com revestimento histórico, social e cultural (MURAD, 2017, p. 65-66).

Rogel e colaboradores destacam que:

> A violência no futebol é um fenômeno complexo, que não apenas envolve o

> principal esporte do país de enorme importância para a nossa "cultura popular" e vida social, mas que também possui sérias implicações econômicas, políticas e sociais (ROGEL et al., 2018, p. 174).

Os mesmos autores apontam ainda que podem ser observadas várias formas de violência no futebol tais como, "racismo, pedofilia, homofobia, entre outras" (ROGEL et al., 2018, p. 174).

Para Elsey, o futebol pode ser um grande vetor na luta contra a violência sofrida pelas mulheres:

> O futebol não é só um dos espaços mais estritamente segregados na América Latina, mas também é central para as identidades comunais, nacionais e continentais. Talvez as atletas, muitas delas de classe operária, de cor, ou Queer, possam, por fim, sentir que o movimento feminista, em particular o coletivo #NiUnaMenos, é interseccional o suficiente para representá-las. A partir do seu incipiente foco no feminicídio na Argentina, #NiUnaMenos conseguiu expandir as compreensões populares da violência de gênero e abordou direitos reprodutivos, assédio sexual e os preconceitos midiáticos (ELSEY, 2018, p. 47).

.

Objetivos

- Investigar os tipos de violências sofridas pelas mulheres no âmbito do futebol e futsal feminino.
- Descrever o processo sócio-histórico do futebol e futsal feminino brasileiro.

MÉTODOS

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de característica sistemática, abordando os tipos de preconceitos vivenciados pelas mulheres que praticam futsal e futebol, além das violências oriundas desses preconceitos. Para análise dos temas propostos foram utilizadas como fontes primárias de pesquisa, artigos, periódicos, matérias jornalísticas em sites, livros de esportes e de educação física.

A base de dados escolhida para a obtenção do universo da pesquisa foi o Google Acadêmico e Scielo, tecnologias de conexão de análise de livre acesso, que estabelecem e listam textos completos da literatura acadêmica, em uma ampla variedade de formatos de publicação e inclui a maior parte de revistas conectadas, revisados por pares, artigos, teses e dissertações. Optou-se apenas por essas duas bases de dados por perceber que para o tema proposto são as principais fontes de pesquisa referente ao tema em estudo.

Os termos mais utilizados para a busca foram futebol e futsal de mulheres; violência e esportes; gênero e esporte, preconceito e esporte, feminismo e esporte, respeitando-se as vírgulas, os parênteses, e as aspas duplas. Neste primeiro momento, todos os artigos, dissertações e teses que apresentavam os termos em seu título, palavras-chave ou no resumo foram selecionados. Foram considerados estudos publicados entre 1995 e 2021, apesar de ser um intervalo de tempo extenso, se fez necessário por conta de alguns aspectos históricos do tema proposto.

No segundo momento, foram explorados alguns trabalhos sobre o processo histórico e social do futebol e futsal de mulheres, questões de gênero e violência adequando-se como referencial teórico, sendo assim, também foram incluídos, aqueles que estudos sobre feminismo na sociedade e no esporte e processos de exclusão. Foram incluídos ainda, artigos de opinião de especialistas, sites de notícias e oficiais de federações, publicações comerciais, livros e estudos publicados em anais de eventos, uma vez que o objeto da análise se mostrou de uma grande amplitude e em algumas situações com poucos dados disponíveis.

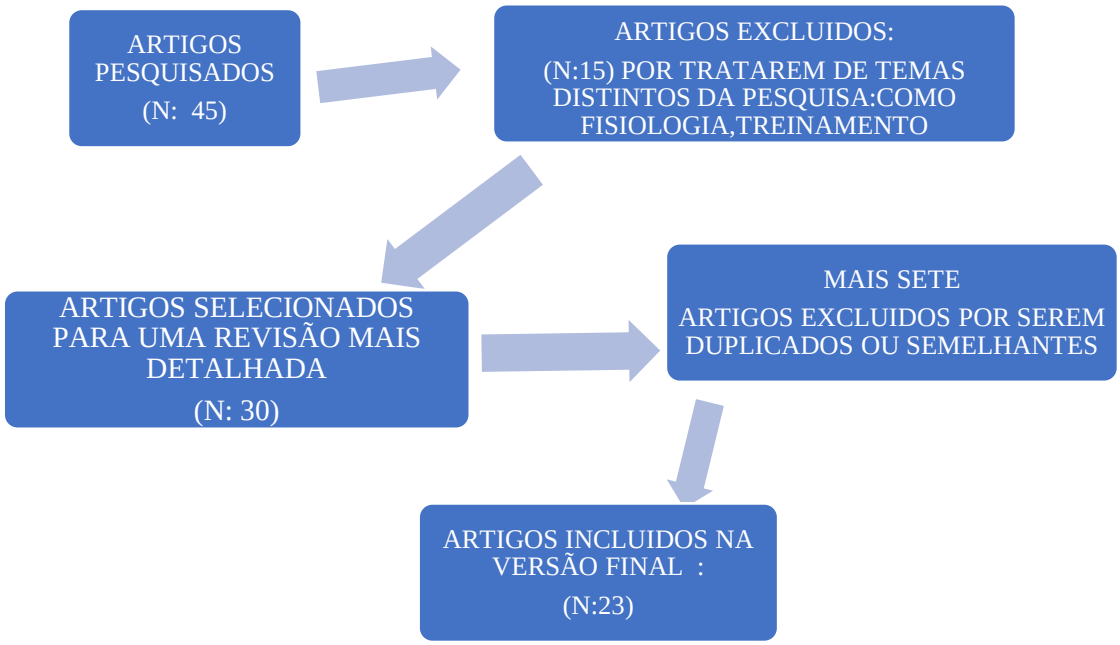
A busca daqueles que atendiam aos critérios estabelecidos resultou num total de setenta e dois trabalhos, classificados por relevância, em qualquer idioma, incluindo citações.

Os selecionados foram discriminados em 23 artigos em periódicos, uma tese de doutorado, uma dissertação de mestrado e 14 livros por versarem sobre os temas relacionados aos objetivos da pesquisa. Foram eliminados os trabalhos duplicados bem como examinados os títulos e resumos dos trabalhos para verificar quais versavam sobre assunto futebol e futsal feminino e preconceito e violência, principalmente. Foram eliminados artigos que se referiam a questões de fisiologia, treinamento esportivo e métodos de treino.

Do total, todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra, bem como consultados e lidos na integra as teses e dissertações, bem como capítulos dos livros selecionados, constituindo assim a amostra deste estudo.

Para a análise dos resultados obtidos, na tentativa de salientar as ligações presentes entre preconceito, futebol, futsal, feminismo e gênero, entre outros fatores, buscando assim um emprego coerente dedutivo e indutivo do processo de investigação, visando proporcionar respostas seguindo os níveis de interpretação, explicação e especificação.

FLUXOGRAMA 1 - Critérios da Análise Bibliográfica



Fonte: Elaborada pelo autor

Os artigos analisados neste estudo, assim como um resumo das ideias do estudo, estão relacionados no QUADRO 1 a seguir.

QUADRO 1: Síntese dos artigos selecionados para estudo - N= 22

AUTORES	TÍTULO	ANO	RESUMO
Eric Dunning Joseph Maguire	As relações entre os sexos no esporte	**1997**	O presente artigo constitui documento de trabalho. Ele deriva de trabalhos anteriores sobre a evolução do esporte e do lazer, sobre o esporte enquanto área reservada masculina e sobre o vandalismo ligado ao futebol. No presente artigo, foi ampliar o campo de estudo e proceder a uma análise preliminar de certos aspectos não apenas do esporte e da masculinidade, mas também do esporte e da feminilidade.
Maria Cecília de Souza Minayo Edinilsa Ramos de Souza	Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva	**1998**	Aborda a complexidade da reflexão sobre violência e saúde e, ao mesmo tempo, o campo de possibilidades que a temática abre tanto para a colaboração interdisciplinar, como para a ação multiprofissional. interdisciplinar entre as ciências sociais, a epidemiologia e a psicologia.
Silvana Vilodre Goellner	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades	**2005**	Fundamentada na abordagem teórico-metodológica da história cultural e dos estudos de gênero, discute a mulher e o futebol no Brasil. Objetiva evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas

			públicas de lazer

QUADRO 1: Síntese dos artigos selecionados para estudo - N=23 (CONTINUAÇÃO)

Carlos Nazareno Ferreira Borges Simone Magalhães Lopes Claudia Aleixo Alves Fábio Padilha Alves	Resiliência: Uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino	**2006**	Investiga a possível existência de comportamento resiliente pelas meninas que praticam o futebol, tomando como amostra um grupo de meninas da classe pobre, praticantes da modalidade em Viçosa-MG
Cristina Fonseca Rosa, Nívea Glaucia Rodrigues Da Costa, Antônio Coppi Navarro	A prática do futsal feminino na formação das jogadoras brasileiras de futebol	**2009**	Investiga a presença do futsal no histórico de formação de jogadoras da elite do futebol. Pesquisas com o futsal e situações reduzidas de jogo, dentre elas o 5x5, demonstraram maior desenvolvimento de habilidades em decorrência de um maior contato com a bola quando comparados ao futebol de 11x11, sem redução do grau de exigência cardiovascular.
Céli Regina Jardim Pinto	Feminismo, história e poder	**2010**	O artigo está dividido em duas partes, cada uma com objetivos distintos e específicos: na primeira parte, faz uma reconstrução, em termos gerais, da história do feminismo, colocando o movimento dentro do processo maior da modernidade;. Na segunda parte, trabalha com uma questão teórica acerca da relação entre a mulher e o poder, com o objetivo de discutir o problema tanto tomando as suas especificidades como a forma como ele interage na complexidade da luta pelo poder e, mormente, da luta política.
Helena Altmann Heloisa Helena Baldy dos Reis	Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas	**2013**	Analisa as experiências com futebol de jogadoras de futsal de seleções nacionais de países da América do Sul. Conclui-se que elas se constituíram como jogadoras a partir da prática informal do futebol em companhia de homens. Para jogar, elas precisaram dominar habilidades futebolísticas e enfrentar barreiras sociais que relacionam o futebol e aquelas que o praticam ao masculino. Todas destacam a falta de estrutura esportiva nos seus países, no entanto, o Brasil é visto como tendo uma estrutura privilegiada para esse esporte.
Gustavo Bandeira Andrada; Fernando Seffner.	Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo	**2013**	O futebol produz representações de gênero e sexualidade dentro de uma lógica fortemente heteronormativa, machista e homofóbica. Essa produção coloca em ação pedagogias do gênero e da sexualidade que permitem uma série de discursividades sobre o comportamento esperado dos atletas e dos torcedores de futebol, incluindo a possibilidade de manifestações legítimas de violência. O artigo como essas construções foram problematizadas no ano de 2013, a partir de três diferentes discussões nas redes sociais: as torcidas queer, o selinho do jogador Emerson Sheik e a criação da torcida organizada Gaivotas Fiéis. Os autores destacam como a homofobia aparece legitimada quando vinculada as práticas do torcer.
Rafael Benedito de Souza	Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu	**2014**	Este artigo tem o objetivo de esclarecer os conceitos utilizados pelo sociólogo francês Pierre Félix Bourdieu e entender como esses conceitos são úteis como uma importante teoria para pensar as relações sociais dentro do campo acadêmico das ciências humanas. Na primeira parte, buscaremos analisar os conceitos de "campo", "habitus", "capital simbólico" e "violência simbólica", propostos por Bourdieu durante sua extensa obra.

QUADRO 1: Síntese dos artigos selecionados para estudo - N=23 (CONTINUAÇÃO)

Roney Polato de Castro	"O homem pode tudo"... "a mulher é um sexo inferior!"...: discutindo sexismo, machismo e violência contra as mulheres na formação em pedagogia	**2015**	Neste trabalho são apresentados alguns dos modos como as discussões sobre as relações de gênero atravessam a disciplina, problematizando as narrativas escritas pelas estudantes em seus diários de bordo acerca de temáticas relacionadas ao sexismo, ao machismo e à violência contra a mulher. As escritas, produzidas a partir das aulas, narram os sentidos construídos pelas estudantes a partir do debate que trazem situações de preconceito e violência contra a mulher. O referencial de análise dialoga com os estudos contemporâneos de gênero, a partir de uma perspectiva construcionista.

QUADRO 1: Síntese dos artigos selecionados para estudo. (CONTINUAÇÃO)

Rafaela Mascarin, Flavia Oliveira, Renato Marques	Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras	**2017**	O objetivo deste estudo foi investigar as percepções de jogadoras de alto rendimento de futsal sobre a participação feminina nesta modalidade esportiva. Foram realizadas entrevistas com 13 jogadoras de uma equipe do interior do Estado de São Paulo, Brasil, e os dados produzidos e analisados através do método Teoria Fundamentada. O estudo aponta que ainda há preconceito com a mulher que joga futsal, tanto da família e da escola, como do público feminino. O patrocínio destacou-se como importante modo de diferenciação, além da luta contra um estereótipo masculinizante diretamente ligada à busca por uma imagem positiva da equipe.
Jaqueline Elizabeth da Costa , Nayanne Dias, Elson Aparecido de Oliveira Layla Maria Campos Aburachid, José Tarcísio Grunennvaldt	A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal	**2018**	O artigo trata, a partir de um estudo concreto, a ocorrência de boas possibilidades da presença da mulher na ambiência esportiva do futsal, o que a experiência evidência é a mudança de mentalidade de que existem esportes para homens e outros para mulheres, quiçá isso seja a mudança de paradigma. Com efeito, as mulheres se envolvem cada vez mais com as práticas corporais, antes restritas ao universo masculino, além de se destacarem nos resultados. Este estudo objetivou evidenciar o início da relação das mulheres com o jogar (modalidade futsal). O texto é uma síntese resultante de um estudo de caso
Lucas Isamu Tamashiro Larissa Rafaela Galatti	Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão	**2018**	Esta revisão bibliográfica teve como objetivo identificar e analisar em periódicos brasileiros, os artigos que tratam do preconceito de gênero no futsal e futebol. Os resultados demonstram que os principais destaques sobre percepções de gênero nas modalidades do futebol e futsal foram: sexualidade e preconceito de gênero.
Carvalho Rubem Machado Filho Gelson Ivo Fonseca Gonçalves Nilton Nascimento Filho Glauber Andrade Pessoa	O preconceito no futebol feminino no brasil	**2018**	O objetivo deste estudo foi analisar a estruturação corporal do corpo feminino, a segregação que se manifesta quando se refere a execução do futebol e das dificuldades enfrentadas pelas atletas femininas em nosso país. A metodologia foi composta por um exame textual dos artigos, no período compreendido entre quinze de fevereiro e nove de março de 2018.
Mario Jordão Pessoa Ferreira José Airton Xavier Bezerra Kaethy Vasconcelos da Silva Rodrigo Benevides Cerani Diego Trindade Lopes	Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa	**2018**	Este estudo teve como objetivo identificar se existe preconceito com a modalidade no Brasil, investigando como vem sendo administrado a modalidade e como as jogadoras vem enfrentando essa situação de preconceito. Por meio da metodologia da revisão narrativa da literatura, concluíram que o preconceito no futebol feminino no Brasil ainda é muito predominante,

			sendo um dos fatores principais para que o preconceito fique alojado, a própria sociedade, que criou seu padrão e modo de visão em relação às mulheres.

Quadro 1: Síntese dos artigos selecionados para o estudo – N=23 CONTINUAÇÃO)

Geórgia Fernandes Balardin, Rogério da Cunha Voser Miguel Ângelo dos Santos Duarte Junior, Janice Zarpellon Mazo	O futebol feminino no brasil e nos estados unidos: semelhanças e diferenças no esporte	**2018**	Essa pesquisa teve como objetivo descrever as diferenças e semelhanças entre o futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos, a partir de uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa. Participaram do estudo sete atletas brasileiras de futebol, que tenham atuado ou atuam em clubes dos Estados Unidos e do Brasil. Os resultados mostraram que o futebol feminino no Brasil necessita de maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização semelhante aos clubes dos Estados Unidos,
Caroline Soares de Almeida	O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil	**2019**	Este ensaio procurou analisar as mudanças ocorridas no Futebol Feminino brasileiro a partir da introdução da igualdade de gênero no estatuto da FIFA, em 2016.
Aira Fernandes Bonfim	Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história do futebol praticado por mulheres da introdução a proibição (195-1941)	**2019**	Este trabalho teve por objetivo discutir a iniciação feminina no futebol nos anos que antecederam a regulamentação das práticas esportivas no Brasil e a proibição de algumas modalidades para mulheres (1915-1941). O intuito da pesquisa foi apresentar um panorama do envolvimento de diferentes grupos sociais de mulheres que aderiram à prática, em diversos momentos históricos, desempenhando distintos papéis. Locais como os das festas esportivas, dos picadeiros circenses e dos campos suburbanos do Rio de Janeiro mostraram-se ricos na manifestação do fenômeno "football feminino".
Brenda Elsey	Energizadas pelo movimento de mulheres #NiUnaMenos, as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina	**2019**	Este ensaio aborda algumas questões emergentes que gravitam em torno do futebol feminino na América Latina, como a falta de reconhecimento das próprias instituições que dirigem o futebol. Em 2108, algumas seleções – porto-riquenha, jamaicana e argentina – promoveram protestos em campo já que as federações de futebol vez ou outra ignoram as solicitações das jogadoras. Levar o descontentamento ao gramado tem ajudado essas mulheres a chamar a atenção para a sua causa.
Edina Schimanski	**Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino**	**2019**	O presente texto discute a questão de gênero e esporte como elemento fundamental no processo de rompimento dos preconceitos sociais e desigualdades no que concerne a participação feminina em práticas esportivas. Ressalta-se a necessidade de incorporar na construção da relação entre gênero e esporte a ideia de sororidade *(latim soror*) e empoderamento para assim vencer os mecanismos e evidências que historicamente são delineados na relação que se estabelece no cotidiano social, os quais produzem discriminação e desigualdade para a mulher.

Quadro 1: Síntese dos artigos selecionados para o estudo – N=23 CONTINUAÇÃO)

Mariana Cristina Borges Novais; Ludmila Mourão; Osmar Moreira De Souza Junior; Igor Chagas Monteiro; Bárbara Aparecida Bepler Pires	Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e RESISTÊNCIA NA LIDERANÇA ESPORTIVA	**2021**	Fundamentada nos estudos culturais e de gênero, esta pesquisa pretendeu analisar a representatividade de mulheres em cargos de treinadora e auxiliar no futebol de mulheres, buscando identificar as estratégias de subversão e resistência adotadas para sua inserção e permanência. Os materiais de análise foram os discursos das participantes aliados a fontes documentais, como notícias e produções acadêmicas. A análise evidencia que as profissionais conquistaram o acesso aos cargos em decorrência das experiências como líderes enquanto atletas e/ou estagiárias e por seus altos níveis de

			capacitação.
Marina Broch	Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero	**2021**	O presente artigo teve como objetivo evidenciar importantes pontos acerca da historicidade do futebol no Brasil, bem como destacar a forma como a desigualdade de gênero refletiu e ainda reflete na vida das jogadoras de futebol.
Mariana Zuaneti Martins Kerzia Railane Santos Silva Vitor Vasquez	As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no brasil	**2021**	Análise com base em estatística descritiva e inferencial, do suplemento especial sobre esporte da PNAD de 2015, com o objetivo de descrever o perfil das mulheres que jogam futebol no Brasil contemporâneo e o comparamos em relação aos homens e às demais mulheres que praticam esportes diferentes do futebol. Os resultados apontaram que, em comparação ao que ocorre com mulheres que praticam esporte em geral, classe e raça impactam de forma oposta na adesão ao futebol. A maioria das mulheres que pratica o futebol advém de classes mais baixas e é negra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, evidenciam-se as dificuldades encontradas pelas mulheres para conseguirem atuar nos desportos, principalmente no Futebol de Campo. Não fosse isso, este seria um esporte de mais visibilidade, com patrocínios e ampla divulgação nas mídias, seguindo os padrões do futebol masculino, com transmissões ao vivo, pois contam com divulgação prévia das competições.

Segundo Ferreira e colaboradores,

> O preconceito, usualmente incorporado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto da violência. Ele tem como objetivo a percepção falsa e/ou incompleta da situação que lhe é apresentado, criando uma imagem destorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, constrangendo todo aquele que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede, como uma ordem, uma obrigação (2018, p.115).

Machismo, sexismo e misoginia (outras formas de violência)

Antes de adentrar no universo dos termos supracitados, faz-se necessária uma diferenciação entre gênero e sexo**.** Assim, o sexo diz respeito às características biológicas (físicas) de homens e mulheres. “O sexo está relacionado aos tributos específicos dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, bem como ao seu funcionamento. Sexo é, portanto, natureza” (SCHIMANSKI, 2019, p. 63). A autora sugere que:

> de forma diferente, gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre

> homens e mulheres que são o resultado de uma construção social definida no tempo (histórico) e no espaço (lugar) do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. O papel do homem e da mulher é formado culturalmente e muda conforme a sociedade. Gênero é, portanto, cultura. (SCHIMANSKI, 2019, p. 63)

Os conceitos de sexismo, machismo e misoginia estão relacionados dentro de um sistema de inferiorização do gênero, mas cada um deles tem especificidades importantes e, normalmente, são combatidos por quem defende as mulheres. É válido ressaltar que machismo, sexismo e, até mesmo, misoginia não são cultuados apenas pelo sexo masculino.

Há muitas mulheres que acreditam que são inferiores aos homens em certos aspectos e que não devem ter os mesmos direitos que eles. Esses valores costumam ser perpetuados, principalmente, na família, e aprendidos logo na primeira infância.

Em um artigo do site UOL (Azevedo, 2021), esclarece que “misoginia é o sentimento de ódio, aversão e repulsa à figura feminina, o machismo é um tipo de pensamento que se opõe à igualdade de direitos entre homens e mulheres”, assim, o machismo é o enaltecimento do masculino sobre o feminino, sob essa perspectiva, machista é toda pessoa que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, culturais e intelectuais.

Ainda com Azevedo (2021), “o sexismo é um conjunto de práticas discriminatórias baseadas no gênero e na reprodução de modelos binários de comportamento” dessa forma, o sexismo vai recorrer a piadas, chacotas ou objetificação sexual, para reforçar o papel que sujeitos marcados por relações de gênero devem realizar.

Sobre machismo, misoginia e outros termos preconceituosos, Castro e Ricca apontam que:

> Machismo, misoginia, LGBTQfobia, xenofobia, racismo, ignorância, barbárie. Não são apenas doenças que caberiam numa nova versão de letra da música O Pulso, de Arnaldo Antunes. São temas que necessitam urgente de debates, reflexões, informações, exemplos, histórias, percepções, estudos, apresentações e muita clareza (2020, p. 11-12).

O histórico de luta das mulheres na sociedade

A luta das mulheres contra suas condições não é nova. A Inquisição Medieval, que ocorreu nos séculos XIII e XIV e a Moderna, que durou do século XV ao XIX, “foram implacáveis com qualquer mulher que desafiasse os princípios pregados pela Igreja Católica como dogmas insofismáveis” (PINTO, 2010, p.15).

No final do século XIX e início do século XX, as mulheres organizaram-se para lutar, promovendo grandes manifestações em Londres pelo direito ao sufrágio (voto), num movimento que foi denominado sufragista.

> As sufragetes, como ficaram conhecidas, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010, p. 15).

O feminismo é um movimento social e político que reivindica igualdade entre mulheres e homens. Não se trata, dessa forma, de um movimento sexista, que tenta impor a superioridade das mulheres sobre os homens.

A origem do conceito é atribuída a Charles Fourier (1772-1837). O teórico do socialismo utópico teria usado a palavra feminismo pela primeira vez entre 1808 e 1841. Em seu livro "Teoria dos quatro movimentos", Fourier defende que o avanço na conquista de liberdade para as mulheres é um pré-requisito para o progresso de toda a sociedade. O termo se popularizou nas décadas seguintes, a princípio em países como Estados Unidos e Reino Unido.

Castro e Ricca (2020, p. 47) pontuam que "a definição de feminismo transforma num desafio, mas que em um entendimento mais amplo inclui ação, discurso e defesa de temas relevantes aos direitos da mulher".

Para Casto e Ricca "A história do feminismo a partir do século XIX, normalmente contada por meio de uma periodização em ondas, enfatiza momentos em que o feminismo tomou conta do debate público, com reivindicações e discussões irrompendo com maior força em torno de determinadas pautas" (2020, p. 30).

A metáfora das ondas, porém, não se mostra unânime, girando em torno dela uma série de contestações, como a de que ela sugere ter pautas feministas individualizadas e não coletivas. "Ela também pode levar à suposição de que não há continuidade entre as lutas e a produção teórica dos diferentes momentos, o que tampouco é verdade, como afirma Joanna Burigo" (2020, p. 32).

Em meados do séc. XX, por volta da década de 60 o movimento feminista ganha força na Europa e nos Estados Unidos, relata Pinto:

> As mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (2010, p. 2).

E Castro e Ricca apontam as causas e etapas do movimento feminista brasileiro a partir do final do século XIX:

> No Brasil, três grandes momentos marcam o movimento feminista, o primeiro no fim do século XIX, que foi causado pelos direitos democráticos (voto, trabalho, divórcio e educação), o segundo no final da década de 60 caracterizado pela liberação sexual e o terceiro, no fim da década de 70, com a luta de caráter sindical e fim da ditadura (2020, p. 58).

Ao observar o entrelaçamento entre racismo e machismo no futebol de mulheres, faz-se importante destacar a questão do feminismo negro.

Faz-se importante destacar, o crescimento da sororidade e de como pode ser um importante elemento para romper com as barreiras de gênero no esporte. “A palavra sororidade vem do latim soror – que quer dizer irmã ou irmandade. É o pacto entre as mulheres que são reconhecidas irmãs, sendo uma dimensão ética, política e prática do feminismo” (SCHIMANSKI, 2019, p. 64).

Porém, se torna imprescindível que, homens desenvolvam empatia pelas questões de gênero, seja no esporte ou na sociedade, para que essas relações de poder sejam desconstruídas.

O feminismo e o futebol

“A mulher em campo é um ato político”!
(Lu Castro, 2020)

A expressão cunhada por Lu Castro faz essa ligação entre o feminismo e o futebol de mulheres, pois, “justamente, por se tratar de um ato político, o feminismo é uma bandeira imprescindível aos desafios a que o futebol de mulheres é acometido rotineiramente” (CASTRO; RICCA, 2020, p.12). Ao ocupar um espaço tão masculino como é o futebol, a mulher, de alguma forma se posiciona politicamente, assim sendo, podemos fazer essa correlação entre o futebol de mulheres e os movimentos feministas. Afinal as conquistas de seus direitos também passam pela esfera esportiva, e principalmente, nos campos de futebol e quadras de futsal, locais que historicamente foram espaços masculinos e assim, ao questionar uma dominância esportiva masculina, é enfrentar preconceitos e vencer barreiras.

Em meio às tentativas de exclusão, apagamento histórico e dos obstáculos enfrentados pelas mulheres desde sempre, “a luta pela visibilidade do futebol de mulheres, pode mostrar-se como um caminho de autonomia, liberdade e empoderamento feminino” (LIMA, 2020, p. 6).

Castro e Ricca (2020), caminham na mesma direção afirmando o quanto é fundamental compreender realmente do que se trata a luta feminista, e como ela trouxe inúmeros

benefícios para as mulheres nesse meio tão machista como o futebol.

Para Rial o “futebol expressa uma identidade nacional”, desta forma,

> (...) há uma dupla rejeição da mulher, proibida de jogar futebol, proibida de discutir, proibida de estar nesse mundo, é rejeitada como mulher e como cidadã brasileira, por que ela não tem essa plena identidade que o futebol acaba conferindo. E não estou dizendo que os homens sejam os culpados - são vítimas também. Ser homem no Brasil é entender de futebol. É difícil se considerar plenamente homem se não tiver uma certa compreensão, mesmo que não pratique. Ora, nem todo homem se interessa por futebol, e com isto fica socialmente deslocado, pois a masculinidade hegemônica prescreve esta inclusão. Mas as mulheres são duplamente excluídas, que é mais grave (2012, apud MARTINS E WENETZ, 2021, p. 55).

Futebol feminino: desde os primórdios até hoje em dia

Os primeiros indícios da prática de algo semelhante ao futebol datam desde o tempo da Dinastia Han (206 a. C. - 220 d. C.), em que elas jogavam uma variação do antigo jogo chamado TSU Chu. Há outros relatos que indicam que, no século XV, era usual que as mulheres desempenhassem jogos de bola, especialmente na França e na Escócia. Em 1863, foram definidas regras para prevenir a violência no jogo, enquanto era socialmente aceitável para as mulheres.

Segundo a FIFA, a primeira partida oficial entre mulheres foi disputada no dia 23 de março de 1885, em Crouch End, Londres, Inglaterra. Os dois times foram divididos em Norte e Sul, representando duas partes da cidade. Existem ainda indícios históricos de que em 1894 uma ativista dos direitos da mulher, Nettie Honeyball, fundou o primeiro clube futebolístico inglês, o Ladies Football Club (TEIXEIRA, 2013).

Já na década de 1910, na Europa, o futebol praticado por mulheres teve um impulso por conta da primeira grande guerra mundial, quando os homens foram para o combate e as mulheres inglesas os substituíram nas fábricas (JUNIOR; PEREIRA, 2021).

Posição que também é reforçada por Franzini:

> Na Inglaterra, por exemplo, ele atingiu grande popularidade durante a Primeira Guerra Mundial, quando os homens viram-se obrigados a trocar os campos de jogo pelos de batalha. Forçadas pela necessidade a assumir funções predominantemente masculinas, as mulheres acabaram também por formar equipes e promover jogos beneficentes para levantar fundos para os soldados no front. Com o fim da guerra e a restauração dos papéis sociais tradicionais, esses times femininos entraram em choque com os interesses dos supostos donos do jogo, e logo as mulheres viram-se mais uma vez segregadas às arquibancadas (2005, p. 317).

Mourão e Morel (2005) apud Santos (2022, p. 10/11) quando falam da “iniciação da mulher no futebol, assinalam que, inicialmente, este futebol era tido por muitos como um

divertimento, devido a pouca intimidade das jogadoras com o esporte". Porém, vendo de outra perspectiva, era justamente nesses momentos que as mulheres iniciando um processo de busca para legitimarem sua presença nos esportes.

O futebol de mulheres no Brasil

Talvez não exista outro lugar que o futebol de mulheres provoque ao mesmo tempo tanta hostilidade e tanta paixão como o Brasil, pois contar a história do futebol de mulheres em terras tupiniquins é mais do que lembrar gols, vitórias, derrotas, lances marcantes e seus personagens, é principalmente falar sobre resistência, descaso e barreiras quebradas e ainda lembrar-se de períodos de proibição, preconceito e amadorismo.

Como destaca Broch:

> A história do futebol feminino se faz através de uma trajetória intrinsicamente relacionada a constante luta contra o preconceito e a quebra de estigmas, a luta por reconhecimento, e acima de tudo, à resistência das mulheres jogadoras de futebol em épocas que eram proibidas de fazê-lo. Isso tudo por conta do reflexo causado pela desigualdade de gênero no que se refere a prática do esporte diante de jogadores do sexo masculino ou feminino (2021, p. .696)

Sobre a aparição do futebol feminino no Brasil, a mais defendida e conhecida é que a primeira partida foi realizada em 1921, entre senhoritas tremembeense e catarinense em São Paulo, fato contestado pelos cariocas, que relatam que no Rio de Janeiro, as mulheres já jogavam futebol, mas na praia e a noite (BECKER, 2010).

Para Bonfim (2019, p. 67), "o jogo, realizado em 1919, entre mulheres representantes do Hélios Athletic Club, figura-se entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil", antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921.

Bruhns (2000) apud Lima e Macedo (2021) aponta que:

> enquanto os homens da elite brasileira começaram a praticá-lo no final do século XIX no Rio de Janeiro e em São Paulo, o grupo feminino que aderiu à prática do futebol era pertencente às classes menos favorecidas. Por conta disso, as mulheres que jogavam futebol eram consideradas grosseiras, sem classe e mal cheirosas (2021 p. 33).

Segundo Bonfim (2019, p. 46), "na primeira década do século XX, principalmente no Rio de Janeiro, aos finais de semana, aconteciam as festas esportivas, também chamadas de passeios domingueiros, tratava-se de uma programação de atividades lúdicas realizadas em

torno de uma competição esportiva central", e foi justamente nesse contexto que o futebol de mulheres começa a entrar em ascensão.

Conforme Bonfim (2019, p. 74) relata, nos anos de 1920 e 1930, surgiram as atrações circenses intituladas "Football Feminino". Esse jogo de futebol era performado, ou mesmo jogado, por atrizes de grandes e conhecidas companhias de circo, como Irmãos Queirolo, Nerino e Irmãos Garcia.

> Este deslocamento do campo esportivo para o campo das artes cênicas incide sobre os esforços de organização da historiografia do futebol de mulheres, uma modalidade que percorreu caminhos particulares quando comparado ao masculino, e por essa razão, foi constituída de manifestações do fenômeno em diferentes ambientes de sociabilidade pública (2019, p. 74).

"Esporte violento que prejudica a maternidade"

Assim como em outros espaços da sociedade, no esporte os corpos das mulheres também são alvos de decisões polêmicas que não levam em consideração suas opiniões e desejos. Martins e Wenetz destacam que:

> A ocupação do espaço público e o rompimento de gênero geraram controvérsias, especialmente entre setores mais conservadores da sociedade, culminando na elaboração de uma legislação que limitou a participação das mulheres em modalidades compreendidas como "violentas" para à sua natureza (2020, p. 23).

A proibição do futebol feminino foi garantida em artigo do decreto-lei 3.199, publicado em 14 de abril de 1941, formulado pelo Conselho Nacional de Desportos e assinado pelo então presidente Getúlio Vargas:

> Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941)

Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) deliberou que "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball (CND, 1965).

Apesar das proibições legais, as mulheres continuavam, em número restrito, jogando o futebol em diferentes regiões do nosso país, como podemos identificar no estudo de Rigo *et al.*(2008), sobre o futebol feminino na cidade de Pelotas-RS no ano de 1950. Os autores afirmam que:

> o futebol feminino passou a ser visto pelo CND como uma prática ilícita somente quando deu sinais de que poderia estruturar-se como uma modalidade esportiva feminina, conquistando mais autonomia perante os homens e fazendo reivindicações que até então eram restritas ao futebol masculino. O CND "entrou em campo" e fez com que a lei fosse cumprida, antes que fosse tarde demais, quando aquelas experiências isoladas passaram a representar um afronte aos costumes sociais da época que restringiam a mulher ao espaço privado, vigiavam a vestimenta e disciplinavam o seu corpo feminino (RIGO *et. al.*, 2008 p. 183).

Nesse contexto de determinações indiretas que visavam à construção de papeis sociais por meio da manipulação das práticas esportivas e por consequência dos corpos e das ações práticas de seus agentes, o futebol feminino apresenta-se como um "desvio de conduta", pois proporcionava às mulheres outras possibilidades "além daquelas consagradas pelo estereótipo da 'rainha do lar', que incensava a 'boa mãe' e a 'boa esposa' (de preferência seguindo os padrões hollywoodianos de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico" (FRANZINI, 2005, p. 321).

Não é, portanto, estranho que paire sobre o futebol feminino uma justaposição e um encontro de preconceitos, discriminações e exclusões. Trata-se de um esporte dominado por homens, gerido por homens e que, durante muito tempo, foi praticado somente por homens e assim escancara todos os padrões construídos historicamente sobre mulheres e o feminino e ao praticar o futebol, as mulheres acabam por romper com todos esses padrões. “Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 251)

Enquanto as mulheres precisavam jogar escondidas, burlando a lei, a seleção masculina de futebol se tornava a primeira tricampeã mundial em 1970, no México. Era o apogeu de uma geração de craques brasileiros, mas as mulheres ainda não podiam pertencer a esse ambiente como atletas.

Apesar da revogação em 1979, o futebol feminino só viria a ser devidamente regulamentado em 1983. O futebol feminino brasileiro só voltou a ter impulso e melhorar a partir de 1981, quando da decadência da ditadura militar, o CND baixou em 05/03/1985 a Recomendação nº 02, na qual, “reconhece a necessidade de estímulo à participação feminina da mulher nas diversas modalidades desportivas no país” Castellani (1988) apud Junior e Darido (2002, p. 1).

Um elemento importante reforçado pela mídia, nas décadas de 1980/90, a beleza física e a sensualidade, enquanto atributos femininos estavam mais atrelados ao futebol do que a habilidade esportiva propriamente dita. Sendo assim, tecnologias específicas que visassem

melhor desempenho não obtinham êxito com esse público.

Esse ponto de vista da “feminilização” do futebol feminino não trouxe nenhum avanço e é descrito por Goellner:

> O apelo à beleza das jogadoras e a erotização do corpo sustenta-se no argumento de que, se as atletas forem atraentes, irão trazer público aos estádios e, portanto, ampliarão a captação de recursos nos jogos, propagandas e serviços, conquistando sobretudo, “patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil (2005, p.147-148).

Explorar a beleza e sensualidade das mulheres com a intenção de “atrair” interesse do público não foi exclusividade da década de 1990. No início do século XX, as mulheres ainda estavam sendo inseridas no contexto esportivo, mas principalmente na condição de torcedoras.

De acordo com Bruhns (2000) apud Lima e Macedo (2021, p. 33) no início do século XX “às mulheres da elite cabia o papel de torcedoras. As partidas de futebol masculinas eram um evento da alta sociedade e as mulheres se arrumavam para ir assistir aos jogos".

No que diz respeito à questão do torcer, nota-se também essa relação de poder do gênero, das mulheres pois compõem um número muito reduzido nas torcidas organizadas, apesar de existirem “mulheres entre eles, na ordem de 15%, predomina indiscutivelmente a cultura da masculinidade, o machismo e o “poder” do corpo sarado, o corpo high-tech, destemido, agressivo e violento. Bárbaro" (MURAD, 2017, p.69).

Segundo Almeida (2019, p. 75-76) “em 2016, a FIFA introduziu a paridade de gênero na regulamentação do futebol mundial com o artigo 23 do seu estatuto, onde no item j, foi utilizada pela primeira vez a palavra gênero”, e assim estava disposto*: “constitución de los órganos legislativos de acuerdo con los principios de representatividad democrática,teniendo presente la importancia de la igualdad de género en el fútbol*”. (FIFA, 2016) dessa forma percebe-se a preocupação de ampliar a abrangência dos praticantes de futebol, não se restringindo ao binário homem/ mulher.

Ainda seguindo com Almeida (2019, p. 76), em 2017, “para adequar-se a essa norma, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), insere em seu estatuto, mudanças para promover a igualdade de gênero.” Os clubes de Futebol Masculino que quisessem obter a licença da confederação para disputar a Copa Sul-Americana ou a Copa Libertadores da América, deveriam criar equipe de mulheres até 2019 ou associar-se a outro clube que possuísse essa categoria atuante em campeonatos oficiais. A ação foi decidida em comum

acordo com as associações nacionais filiadas, entre elas a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Então, após 40 anos do fim da proibição das mulheres em praticarem o futebol, um enorme passo foi dado, ao menos na teoria, pois na prática os clubes brasileiros continuam investindo pouco nas equipes femininas.

FUTEBOL MASCULINO X FUTEBOL FEMININO: O GRANDE ABISMO E MAIS UMA FORMA DE VIOLÊNCIA

Schimanski (2019, p. 60) esclarece que, "quando se trata de esportes e sua relação com gênero existe uma lacuna grande que vai desde a prática em si do esporte até a remuneração recebida por atletas".

Nesse contexto, percebe-se que há um enorme abismo entre os rendimentos, seja de salário, patrocínio e premiações entre atletas do futebol masculino e do feminino.

A primeira edição do torneio feminino foi realizada em 1991 na China. Contou com a participação de apenas 12 seleções – incluindo o Brasil, mas quem levou o título foram os Estados Unidos. Vale dizer que antes da competição ser oficialmente apoiada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), outras versões de torneios internacionais de futebol feminino existiam desde 1970, realizadas pela Federação Europeia de Futebol de Mulheres.

Segundo o site oficial da FIFA, de 1999 a 2011, a Copa do Mundo Feminina de Futebol contava com a participação de apenas 16 seleções. Somente em 2015 esse número foi ampliado para 24, o qual permanece até hoje. Apesar de o evento já parecer consolidado, com mais de 30 anos de existência, é grande o contraste quando comparado com a Copa do Mundo masculina. Enquanto as mulheres ainda estão na oitava edição da competição, o futebol masculino celebra suas Copas desde 1930.

O abismo entre o futebol masculino e feminino aparece dentro da própria FIFA. Enquanto a premiação na Copa da Rússia de Futebol Masculino, em 2018, ficou em torno de US$ 38 milhões, a Copa da França de Futebol Feminino, de 2019, fez a FIFA desembolsar cerca de US$ 4 milhões para o time vencedor (MANZATO, 2019, blogs ESPNW).

Quando a questão envolve os rendimentos anuais entre os atletas, a soma do salário bruto, bônus, patrocinadores, a situação é ainda mais díspar.

Apenas para ficar entre dois ícones do futebol brasileiro, "a diferença nos valores dos vencimentos de Neymar e Marta, era de 269 vezes, de acordo com levantamento realizado pela

revista France Football em abril de 2019" (SALES, 2021). Vale lembrar que Marta, foi eleita seis vezes melhor do mundo pela FIFA. A jogadora não chega a receber 1% do rendimento anual do jogador.

O tema é tão complexo que se tornou questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2020, na qual abordava as desigualdades de gênero e tinha como pano de fundo as diferenças salariais entre Neymar e Marta. Romão (2021) expõe o enunciado da questão:

> O suor para estar em competições nacionais e internacionais de alto nível é o mesmo para homens e mulheres, mas não raramente as remunerações são menores para elas. Se no tênis, um dos esportes mais equânimes em termos de gênero, todos os principais torneios oferecem prêmios idênticos nas disputas femininas e masculinas, no futebol a desigualdade atinge seu ápice. Neymar e Marta são dois expoentes dessa paixão nacional. Ela já foi eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo pela Fifa. Ele conquistou o terceiro lugar na última votação para melhor do mundo. Mas é na conta bancária que a diferença entre os dois se sobressai. (torcedores.com)

A questão rendeu até um comentário do Presidente Jair Bolsonaro, no qual ele disse que além da questão ser "ridícula", o futebol feminino não é realidade no Brasil. Mais do que lamentável, a declaração do presidente, mostra o quanto ainda se faz necessário levantar discussões sobre a equidade entre gêneros, pois é uma discussão que não ultrapassa o âmbito apenas de desigualdades salariais, mas sim, envolve história, cultura e relações sociais. Promover ações que mudem a ideia antiquada e preconceituosa que meninas vestem rosa e meninos azul, assim como, meninas ganham só bonecas e não bola de futebol, se torna cada vez mais necessário. Portanto, se torna imperativo, que as chances de meninos e meninas de se tornarem profissionais do futebol sejam as mesmas, ou, no mínimo tão justas quanto possível.

O FUTEBOL DE MULHERES PELO MUNDO

Por mais que o Brasil seja considerado no senso comum o país do futebol, muitas vezes essa alcunha serve apenas para o futebol masculino**.** O Brasil precisa estar atento às experiências exitosas de outros países, averiguar como criar mais espaços para o futebol feminino e garantir a equidade de gênero.

O Chile é um exemplo a ser observado, como podemos ver nas afirmações de Elsey:

> O Chile é um desses exemplos, em 2016 a seleção chilena de futebol feminina, encontrava-se relegada à categoria de "inativa", na lanterna do ranking da FIFA. "As

> jogadoras reagiram formando a primeira associação nacional da América Latina, a Associação Nacional de Jogadoras de Futebol Feminino (ANJUFF): organização que buscou e acabou conseguindo tornar-se membro do sindicato dos jogadores". (ELSEY, 2018, p. 43).

O fortalecimento de um movimento de igualdade entre homens e mulheres no futebol tem mobilizado jogadoras de futebol ao redor do mundo. Mesmo nos Estados Unidos, onde o Futebol Feminino é considerado exemplo por diversas profissionais desse esporte, as futebolistas tiveram que acionar o judiciário para obter ganhos equivalentes aos homens. Neste sentido, Almeida destaca que:

> Diante de um precedente legal norte americano, a Lei de Civil Rights, de 1964, as futebolistas da seleção dos Estados Unidos, lideradas estrelas da seleção americana, entraram na justiça contra a US Soccer no início de 2016, evocando-o para obter igualdade de salários. As mulheres geram cerca de US$ 20 milhões a mais que seus pares homens à associação estadunidense (2016, p. 83).

Balardin e colaboradores (2018) enfatizam que as equipes profissionais americanas têm uma estrutura muito organizada e eficiente. Os clubes, de uma maneira geral, possuem um departamento de marketing o qual tem uma importância significativa na captação de recursos, sendo responsável desde a busca de patrocínio até pela venda de ingressos para os jogos e a venda de materiais esportivos.

Segundo a reportagem do site Forbes (2022), A Federação Norte-Americana se tornou mais um exemplo ao igualar a premiação da Copa do Mundo da FIFA direcionada aos times feminino e masculino pela participação em seus respectivos Mundiais.

Já a Federação Australiana de Futebol (FFA) fechou um acordo que assegura a divisão por igual, da receita da entidade entre homens e mulheres. O acordo, histórico, assegura que 40% do que for arrecadado com patrocínio, bilheteria e direitos de mídia no futebol australiano irá igualmente para os times masculino (Socceroos) e feminino (Matildas) (maquinadoesporte.com.br, 2019).

O futebol feminino nos países da América Latina

A luta pelo esporte feminino é uma constante em muitas regiões do planeta ainda hoje. Elsey relata a promoção de episódios em campo para divulgar as condições das atletas de seleções de países da América Latina: "Em 2018, algumas seleções - porto-riquenhas, jamaicana e argentina, promoveram protestos em campo já que as federações de futebol vez ou outra ignoravam as solicitações das jogadoras" (ELSEY, 2018, p. 40). As demandas das

jogadoras variavam desde o acesso aos vestiários até a obtenção de seguros médicos, passando por relatórios claros sobre a forma como as federações gastam os fundos para seu desenvolvimento.

Elsey (2018, p. 41) traz ainda que, "as mulheres começaram a jogar futebol na América Latina no início do século XX, e desde o começo, encararam zombarias, proibições e uma violenta exclusão, mas mesmo diante de tanta hostilidade conseguiram notáveis conquistas".

A situação do futebol na América do Sul, ainda é cheia de contrastes, porém nota-se cada vez mais jogadoras profissionais, mais seguidores do futebol feminino e o crescente interesse de grandes marcas em patrocinar as atletas das equipes. Até os salários das jogadoras nas ligas profissionais estão aumentando, mas ainda não se comparam aos dos jogadores homens.

Altmann e Reis, ao realizarem uma pesquisa com atletas sul-americanas de futsal constataram que:

> Na pesquisa com as jogadoras sul-americanas, é possível observar que, de um modo geral, o apoio social à prática do futebol não ocorre durante a iniciação esportiva, mas depois que certo nível de habilidade futebolística já foi construído. Além disso, esse apoio social recebido é individual e particular, mais do que coletivo, governamental ou institucional (2013, p. 221).

Brasil, Chile e Argentina têm se colocado na vanguarda do futebol feminino na região, embora ainda tenham problemas graves, como machismo dentro dos clubes e disparidade salarial. Por sua vez, o futebol para mulheres na Bolívia, Equador e Peru beira o amadorismo.

As mulheres em outras áreas do futebol

Além do campo, as mulheres vêm conquistando espaços em outras dimensões do futebol, mas ainda, a baixa representatividade de mulheres em cargos de liderança esportiva é consideravelmente notada. Observa-se ainda uma imensa predominância na função de gestores por parte dos homens ocupando funções de comando, o que ratifica a característica generificada do esporte e "seu potencial para a reprodução de estereótipos e representações sociais sobre os lugares ocupados e papéis desempenhados por homens e mulheres" (NOVAIS *et al.*, 2021, p.12).

O machismo também impede as mulheres de exercerem funções de comando em clubes, times e federações, assim, à predominância dos homens cisgêneros e heterossexuais nos cargos

de gestão das organizações esportivas sempre garantiram que as ações para o desenvolvimento do futebol também fossem direcionadas a esse público. Os recursos destinados aos praticantes possibilitaram a maior entrada, manutenção e formação de jogadores na modalidade e a consolidação do futebol praticado por homens ao redor do mundo.

A mudança é lenta, mas perceptível, se um dia a frase mulher no futebol era dúbia, hoje ela se mostra legítima com base na realidade. As mulheres não só estão conquistando espaço e notoriedade dentro de campo como também em cargos de liderança na CBF, dentro dos próprios clubes, nas principais emissoras de televisão que transmitem jogos de futebol tanto de homens quanto de mulheres e na arbitragem.

Prova disso foi a participação de Edina Alves e Neuza Back, que representaram a arbitragem brasileira no Mundial de Clubes da FIFA 2020 e tornaram-se as primeiras mulheres a apitarem uma partida de futebol masculino profissional**.**

Seja na transmissão de jogos ou ancorando programas esportivos é cada vez mais comum a participação de mulheres, com competência e propriedade de quem entende muito de futebol. E como ressaltam Lima e Macedo:

> Sejam como árbitras, técnicas, jogadoras e dirigentes, as mulheres são, muitas vezes relegadas a segundo plano e buscam, incansavelmente, espaço e reconhecimento dentro desse ambiente excludente, preconceituoso, estigmatizado e culturalmente configurado como de prática de e para os homens. É imperioso criar brechas que suplantem o ostracismo vivenciado pelas mulheres no cenário esportivo brasileiro (2021, p. 42).

Mulheres na gestão no futebol espanhol

Sob a ótica de gênero, o futebol espanhol é um dos mais difíceis de entender. *La Liga* feminina é uma das maiores do mundo, com Barcelona e Atlético de Madrid como verdadeiras potências, mas que só passou a ter o Real Madrid em 2020.

Os públicos e as audiências também estão entre as melhores na média mundial. Ainda assim, só em 2020 que as jogadoras conseguiram um acordo coletivo para um salário-mínimo e licença-maternidade.

No meio disso, dois casos são referências, só que no futebol masculino: Leganés e Eibar. Ambos são geridos por mulheres. Segundo Ayres (2021)

> Em 2008, Maria Victoria Pavón foi eleita presidente do Leganés. Com formação em administração esportiva, adquiriu o clube e o levou da terceira à primeira divisão em menos de dez anos. O caso do Eibar, no entanto, é especial. Primeiro porque Amaia foi de fato eleita e reeleita para o cargo, em 2016 e em 2017. Depois, o clube do País Basco talvez seja único no mundo no que diz respeito ao seu quadro de funcionários.

> 53% dele é formado pelo sexo feminino. Mais: são cinco mulheres em posições administrativas. A escolha, porém, é muito mais cultural do que ideológica. A cidade de Eibar em si tem uma tradição, datada do começo do século XX, de uma inserção acima da média de mulheres no mercado de trabalho (esportelandia.com).

Ainda que seja uma exceção, o caso das mulheres dirigentes do Eibar reforça positivamente a tese de que o que acontece no futebol é um reflexo do que pensa e do que faz a sociedade civil.

Futsal: futebol em outra quadra

Futsal relaciona-se com o Futebol desde a sua concepção, "sendo sua origem fruto de adaptações e modificações do Futebol jogado nos campos aos espaços reduzidos das quadras e salões" (VOSER, 2001, p.15). Nota-se essa relação do futebol com o futsal também na questão do preconceito de gênero.

No caso do futebol feminino já existe uma enorme diferença entre o masculino, o que se dirá sobre o futsal? Ao falar de futsal de mulheres no Brasil encontram-se inúmeros elementos que o diferenciam do futsal masculino, como por exemplo, visibilidade, patrocínio e categoria de base.

Mesmo sendo o futsal um esporte amplamente desenvolvido no Brasil, o futsal de mulheres não tem a visibilidade e prestígio iguais, sendo a mesma modalidade praticada pelos homens. Por qual viés preconceituoso as praticantes de futsal são consideradas?

A participação feminina passa por inúmeras restrições e complicações em função do contexto social da mulher esportista no país e pela construção do futebol como esporte nacional masculino. Para Lima e Macedo:

> O binarismo homem/mulher também está presente no futsal, corroborando sua instância histórica, social e cultural, reconhecendo-o também como local de construção de gênero (2021, p. 21).

Ainda segundo as autoras,

> 0 pensamento no qual o futsal é visto como um esporte eminentemente masculino colabora para que se construam preconceitos em relação à inserção de mulheres nas quadras, sejam como jogadoras ou como árbitras (LIMA; MACEDO, 2021, p. 21).

Mas e o futsal feminino no Brasil?

O futsal feminino no Brasil apresenta características semelhantes ao futebol em diversos aspectos, seja relacionado à lógica do jogo propriamente dita, como a essência do

jogo, mas principalmente nos desafios para a sua prática no que tange ao preconceito e pouca visibilidade. Segundo Rosa *et al*:

> Apesar de serem modalidades esportivas distintas o Futsal e Futebol apresentam semelhanças no que se refere à lógica de jogo, por apresentarem ambos: um espaço de jogo, adversários, parceiros, um alvo de ataque e defesa, além da manipulação da bola e regras específicas (2009, p. 164).

Mascarin e colaboradores observam que "O futsal, assim como o futebol de salão e o futebol, caracteriza-se como um espaço de reserva masculina, historicamente constituída, com a participação feminina ainda em processo de fortalecimento, sendo muito recente e sofrendo com barreiras socioculturais" (2017, p. 84).

Mesmo sendo originário do futebol, o futsal conquistou seu próprio espaço e com o passar dos anos as seleções femininas de futsal do Brasil se tornaram potências e referências mundiais. Contudo, apesar dos bons resultados, as mulheres têm pouca visibilidade e dificuldades para se manter jogando.

Para Costa e colaboradores,

> A profissionalização é algo restrito a poucos clubes e respaldo financeiro por diversas vezes não é o suficiente para que essas jogadoras sobrevivam apenas do salário de atleta, tornando este um fator que dificulta a propagação da prática feminina (2018, p. 696).

Conforme Tamashiro e Galatti (2018, p.796) "No Brasil a prática do futsal feminino foi oficializada em 08/01/1983 pelo extinto Conselho Nacional de Desportos (CND) e a prática do futsal feminino foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), em 23 de abril de 1983".

Levando-se em conta a proibição legal das mulheres jogarem futebol, pode ser considerado um fator para a construção de preconceito de gênero contra a mulher por extensão, ao futsal no Brasil.

Além da proibição do futebol feminino, da falta de visibilidade e do preconceito enraizado na sociedade, outro fator de atraso do futsal feminino é apontado por Costa *et al*., (2018, p.700) que é "a iniciação tardia em práticas orientadas, o que pode vir a influenciar em seu desenvolvimento motor, coordenativo e cognitivo, capacidades essas necessárias para o desenvolvimento na modalidade".

Para Silveira & Stigger, 2013 apud Mascarin *et al*.:

> Abordar a sexualidade parece ser algo importante quando se analisa uma equipe feminina de futsal, e a forma de dar visibilidade às sexualidades é um ponto de destaque, pois as jogadoras parecem se preocupar com a posição ocupada pelo grupo em relação às demais praticantes de futsal feminino e à sociedade. Esta preocupação se dá em muito pelo preconceito, pois há um movimento da sociedade em relacionar a homossexualidade com condutas e aparências específicas, que são reducionistas e contribuem para a visão preconceituosa de mulheres que praticam futsal (2017, p. 85)

Ainda segundo Mascarin e colaboradores, em uma pesquisa realizada com mulheres que praticam futsal:

> Nota-se no discurso das participantes a busca por uma aparência que corresponda ao que é esperado pela sociedade como práticas femininas, que inclusive legitimem sua presença neste campo onde se espera também a virilidade dos gestos. O discurso das atletas aponta para uma posição de aceitação desse cenário e adaptação de modo a atender a tais expectativas, e a conquistarem apoio para sua prática. Duas atletas ainda ressaltam que muitas pessoas julgam a aparência delas por estarem mais próximas do que se é compreendido e construído como gênero masculino (2017, p. 92).

Franzini (2005) afirma que desde a sua origem o futebol é destinado aos homens, que a sociedade brasileira é sexista, tornando a prática do futebol feminino alvo de discursos machistas, assim, essa prática acaba se refletindo também no futsal feminino.

Além de estar associada à falta de patrocínio, a percepção do futsal como um esporte de reserva masculina e a vinculação das meninas que jogam à masculinidade ou à homossexualidade, delimitam os campos do futsal e do futebol como sendo locais inadequados a mulheres.

Altmann e Reis observam que:

> é recorrente a associação socialmente estabelecida nos países sul-americanos, conforme demostraremos a seguir, entre a praticado futebol por mulheres e a homossexualidade é uma estratégia discursiva que busca normalizar tanto o gênero quanto a sexualidade, demarcando o futebol como não condizente com determinadas expectativas em relação ao gênero e à sexualidade femininos (2013, p.13).

As autoras ainda pontuam que:

> A classificação, ou mesmo a reincidente suspeita, de que mulheres que jogam futebol são homossexuais e o uso disso como forma de constrição social, são concepções socialmente construídas que se legitimam através de uma falsa naturalidade. Trata-se de uma prática discursiva no sentido de exercer controle sobre as mulheres, seja no que se refere à experiência esportiva, seja ao gênero e à sexualidade (ALTMANN; REIS, 2013, p.13).

Assim, mantém as relações de gênero exatamente como elas se apresentam na sociedade

historicamente, fortalecendo ainda mais a privação da participação das mulheres nestas atividades. De acordo com Oliveira:

> as identidades de gênero e os preconceitos presentes no discurso feminino do futebol estão impingidos na sociedade por uma construção histórica, ou seja, a identidade feminina nos padrões aceitáveis pode ser exemplificada pela mulher que pratica dança ou um esporte menos agressivo, como o voleibol (2008, p.15).

Lima e Macedo destacam que:

> é notório que o universo do futsal é, desde a sua origem, um espaço eminentemente masculino, não apenas no contexto esportivo, mas também sociocultural, que impõem limites para a manutenção da "ordem" sexista do jogo (2021, p. 42).

Ainda Lima e Macedo (2021, p. 21), pontuam que "o binarismo homem/mulher também está presente no futsal, corroborando sua instância histórica, social e cultural, reconhecendo-o também como local de construção de relações de gênero." O que acarreta um reforço de preconceitos em relação a participação e visibilidade de mulheres em quadra.

Como dados relevantes, Pereira e Antunes (2017, p. 2) trazem que "No Campeonato Sul-Americano de Futsal Feminino organizado nos anos de 2005, 2007, 2009 e 2011 as atletas brasileiras saíram vitoriosas, assim como nas seis edições do Campeonato Mundial Feminino de Futsal, de 2010 a 2015", ou seja, "desde que se consolidou no alto rendimento, a seleção brasileira de futsal feminino, conquistou todos os títulos internacionais disputados", além disso, a atleta Amandinha, foi eleita a melhor jogadora do mundo por oito vezes no Prêmio Futsal Planet (CBFS, 2022).

Apesar de todas essas conquistas, Lima e Macedo (2021, p. 41) mostram que "mesmo com o crescimento significativo dessa modalidade no naipe feminino, ainda são percebidas barreiras e limitações acerca do seu investimento." Visto por essa perspectiva, nota-se que invisibilidade e falta de patrocínio aparecem como elementos concretos no cenário brasileiro do futsal de mulheres.

A FIFA organiza a Copa do Mundo masculina de futsal desde 1989, porém jamais chancelou um evento para mulheres. A Copa do Mundo de Mulheres, promovida pela Associação Mundial de Futsal, já teve seis edições, todas vencidas pelo Brasil, mas não é realizada desde 2015.

Segundo dados de 2021, extraídos do site oficial da FIFA o futsal masculino é praticado em 140 países, já no futsal feminino conta com 55 países praticantes da modalidade. Esse número bastante inferior de países reflete a realidade do futsal feminino, que não foi

sequer incluído nos Jogos Pan americanos no Rio de Janeiro nem nos Jogos Sul-Americanos. Assim como no masculino, também não é considerado esporte olímpico.

A necessidade em expandir o futsal feminino ocorreu, pelo fato de que, a admissão do futsal nos Jogos Olímpicos depende, inclusive, da modalidade ser praticada tanto por homens quanto por mulheres.

CONCLUSÃO

A história das mulheres ao longo do tempo é pautada por lutas em diversos campos de atuação. No esporte, de maneira geral e, em especial, no futebol, não é diferente. Muitas autoras e autores têm como foco de estudos a trajetória feminina do futebol e no futsal, averiguando os desafios e conquistas neste segmento.

Borges *et al*., destacam que:

> A história da mulher no esporte manifesta questões sociais e culturais dentro do contexto de cada lugar e de cada época, quando interesses religiosos, econômicos, políticos e sociais objetivaram mostrar a figura da mulher como frágil perante a força e vigor masculino, inclusive, pelas diferenças biológicas entre os dois sexos, isto é, parecia ser um consenso que em todas as dimensões o homem era considerado mais "forte" que a mulher (2006, p.113).

A participação da mulher no contexto esportivo continua caracterizada por um processo muito conflitante e conturbado, marcado por barreiras e dificuldades, algumas já superadas e vencidas com muito esforço e luta e muitas outras a serem vivenciadas e transpostas para que a mulher ocupe o seu lugar de fato e de direito no mundo dos esportes.

Insistir na comparação do esporte feminino com o masculino é uma das barreiras mais difíceis de se transpor, pois inviabiliza e até mesmo nega que o futebol e futsal de mulheres consigam ter uma identidade própria, que não é nem mais e nem menos importante do que a dita hegemônica.

A discussão não se restringe apenas a pagar o mesmo para o Neymar e para a Marta, ou mesmo, para Falcão ou Amadinha, ou muito menos dizer que a Marta é o Pelé de saias. É sobre ser profissional e fomentar o acesso para a menina que quer jogar, ter mais transparência, organização e planejamento.

Ainda há muita resistência com o futebol e futsal de mulheres no Brasil, porém, algumas barreiras já foram quebradas e muitas outras ainda serão. Erradicar o preconceito, fomentar a prática das mulheres, seja por lazer ou profissionalmente, são aspectos essenciais

para o futsal e o futebol evoluírem e seguirem crescendo cada vez mais, até quem sabe um dia, chegar no mesmo patamar de importância do masculino, porém ocupando seu próprio lugar.

É fundamental criar formas de divulgar as lutas das mulheres pela equidade no esporte, visando uma maior valorização da sociedade como um todo, para diminuir a desigualdade. Promover o incentivo desde a infância, para que as mulheres façam da prática do futsal e do futebol algo tão natural, que seja parte também de sua cultura, que possam se reunir para um bate bola informal, as famosas peladas, assim como os meninos o fazem. Assim, com mais investimento em categorias de base e profissionalização, como ocorre com os homens, certamente o nível e a qualidade técnica dos times femininos irão progredir satisfatoriamente.

Entretanto, o que não pode ocorrer é a comparação desleal com o futebol masculino, o qual, desde sempre, teve prestígio e altos investimentos, e a perpetuação de pensamentos e práticas preconceituosas e misóginas. Estas práticas só afastam a possibilidade de o futebol e futsal de mulheres alcançarem o lugar merecido dentro dos ambientes esportivo e social, o que só ressalta a importância de se combater a discriminação e intolerância dia após dia, visando, inclusive, a evolução da nossa sociedade.

Considerando os resultados obtidos neste estudo e atendendo às limitações que apresenta, novas investigações poderão contribuir para averiguar, clarificar ou aprofundar aspectos que, apesar de relevantes, foram aqui abordados superficialmente ou não foram explorados.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. **FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE**, v. 3, p. 31, 2004.

ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

AYRES, Lucas. Mulheres dirigentes no futebol europeu Disponível em https://www.esportelandia.com.br/futebol/mulheres-dirigentes-do-futebol-europeu/ acesso em 30 mai. 2022.

AZEVEDO, Rosana, O que é a misoginia e como ela é a base da violência contra a mulher., disponível em https://www.hypeness.com.br/2021/10/o-que-e-misoginia-e-como-ela-e-a-base-da-violencia-contra-a-mulher/ acesso em julho 2022.

BALARDIN, Geórgia Fernandes. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. 2016.

BASTOS, Paula Viotti; NAVARRO, Antônio Coppi, O futsal feminino escolar. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 1, n. 2, 5 abr. 2009.

BELO, Nicolino; ALVES Ubiratan Silva, Futsal conceitos modernos - 2. ed.-Phorte Editora, 2020, São Paulo.

BONFIM, Aira Fernandes. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. Tese de Doutorado.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; LOPES, Simone Magalhães; ALVES, Claudia Aleixo; ALVES, Fábio Padilha Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino. Movimento, *[S. l.]*, v. 12, n. 1, p. 105–131, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2893. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2893. Acesso em: 3 jun. 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html . Acesso em: 09 de abril de 2022

BRASIL. Lei 11.340 de 2006. Brasília, DF: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004- 2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 09 mai. 2022.

CASTRO, Luciane de; Ricca, DARCIO. Futebol feminista: ensaios. Rio de Janeiro: Livros de futebol, 2020.

CASTRO, Roney Polato de. "O HOMEM PODE TUDO"... "A MULHER É UM SEXO INFERIOR!"...: discutindo sexismo, machismo e violência contra as mulheres na formação em pedagogia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: FEMINISMOS, IDENTIDADES DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 2015, Maranhão. Anais [...]. Maranhão: Uem, 2015. p. 1-15.

CASTRO, Lu, RICCA, Darcio. Futebol Feminista: Ensaios, Rio de Janeiro, Ed.

Livrosdefutebol, 2020.

CBFS. Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal. Disponível em: Acesso em 02 mai. 2022.

COSTA, Jaqueline Elizabeth et al. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 41, p. 694-702, 2018.

DA REDAÇÃO. Canadá entra em greve por melhores condições e cancela amistoso. Placar Abril 6/6/2022. Abril, Disponível em https://placar.abril.com.br/placar/canada-entra-em-greve-por-melhores-condicoes-e-cancela-amistoso acesso em 10 jun. 2022.

DEVIDE, Fabiano Pires, BRITO, Leandro Teófilo de Estudos das masculinidades na educação física e no esporte. São Paulo, Ed. nVersos, 2021

DUNNING, Eric; MAGUIRE, José; WUILLAUME, Patrice Charles. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, p. 321-348, 1997.

ELSEY, Brenda, tradução Brainer, Larissa: Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA/UFMG**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 39–50, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.4.1.39-50. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14656. Acesso em: 13 jun. 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é" coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista brasileira de história volume 25, n.50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de educação física e esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GIULIANOTTI, Richard; BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; OLIVEIRA, Marcelo Nunes de,. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nova Alexandria, 2002.

KESSLER, Claudia Samuel. Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015.

LIMA, Fabiana, A (R) evolução é feminista 2020,p.6, in Castro, Luciane de; Ricca, Darcio. Futebol feminista: ensaios. Rio de Janeiro: Livros de futebol, 2020.

LIMA, Maria das Dores Pinto Sant'Ana ,MACEDO Christiane Garcia Mulheres Nordestinas Na Arbitragem Do Futsal: Institucionalização E Trajetórias Coleção Vetores - Volume 4, Curitiba, Ed. CRV, 2021.

MANZATO, Juliana disponível em https://www.espn.com.br/blogs/espnw/764578_a-marta-e-o-manifesto-pela-igualdade-de-genero-na-copa-do-mundo-dizem-muito, acesso em 29 mai. 2022.

MARS, Amanda, Disponível em https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-17/gloria-steinem-o-autoritarismo-comeca-com-o-controle-sobre-o-corpo-das-mulheres.html acesso em 04/06/2022

MARTINS, Mariana Zuaneti, WENETZ, Ileana (ORGS.). Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas- Coleção Academia e Futebol vol.1, Curitiba Ed. CRV, 2020.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. AS MULHERES E O PAÍS DO FUTEBOL: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA NO

BRASIL. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 27, p. e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328. Acesso em: 02 jun. 2022.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; DE OLIVEIRA, Flávia Volta Cortes; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal. **Fluxos & Riscos-Revista de Estudos Sociais**, v. 2, n. 1, p. 83-96, 2017.

MELO, ROGÉRIO, MELO, LEONARDO, Ensinando Futsal, Rio de Janeiro, Ed. Sprint (2006).

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. e SOUZA, Edinilsa Ramos de: 'Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva'. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998

MURAD, Mauricio, A Violência No Futebol: Novas Pesquisas, Novas Ideias, Novas Propostas, 2 edição, rio de janeiro, Ed. Benvirá, 2018.

MURAD, Mauricio, SANTOS, Roberto Ferreira dos, SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da(orgs.), Escolas, Violências e Educação Física, Rio de Janeiro, Ed. Jaguatirica, 2018.

MUSZKAT, Malvina E. O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. Summus Editorial, 2018.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila.; Souza Junior , Osmar Moreira de; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. Movimento, *[s. l.]*, v. 27, p. e27023, 2021. doi: 10.22456/1982-8918.106782. disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/movimento/article/view/106782. Acesso em: 16 jun. 2022.

OLIVEIRA, Caroline Silva de, Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

OSBORNE, Renata; BELMONT, Rachel, BARROSO JUNIOR, VILARDO, João C; ROCHA, Gabriela Hermes; SANTOS JUNIOR, Geraldo Luciano dos; FREITAS, Arlindo; MAIO, Fernanda Mazzeli A., Superando o lado sombra da educação física e do esporte: rumo ao seu potencial para o desenvolvimento e a paz in, MURAD, Mauricio, SANTOS, Roberto Ferreira dos, SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da(orgs.), Escolas, Violências e Educação Física, Rio de Janeiro, Ed. Jaguatirica, 2018

PINTO, Céli Regina Jardim Feminismo, história e poder. Revista de Sociologia e Política [online]. 2010, v. 18, n. 36 [Acessado 11 maio 2022], pp. 15-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>. Epub 14 Out 2010. ISSN 1678-9873. https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003.

REDAÇÃO FORBES. Seleções de futebol feminina e masculina dos EUA terão igualdade salarial. Disponível em https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/05/selecoes-de-futebol-feminina-e-masculina-dos-eua-terao-igualdade-salarial/

RIGO, Luiz Carlos; GARCIA Guidotti, Flávia; ZANETTI Theil, Larissa; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, SP, v. 29, n. 3, p. 173 -188, maio 2008.

ROMÃO, Bruno, Citando Neymar e Marta, Enem 2020 aborda diferença salarial entre homens e mulheres no futebol. 18/01/2021 Disponível em **https://www.torcedores.com/noticias/2021/01/neymar-marta-enem-2020,** acesso em 02

jun. 2022.

RONCADA, Bruno. Homofobia no esporte disponível em https://comunicacaoeesporte.com/tag/homofobia-no-esporte/ acesso em 05 jan. 2021.

ROSA, Cristina Fonseca.; COSTA,Nívea Glaucia Rodrigues da , NAVARRO,Antônio Coppi. A prática do futsal feminino na formação das jogadores brasileiras de futebol. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 1, n. 2, 5 abr. 2009 acesso em 10 jun. 2022.

ROGEL, Leonardo; BERNARDO, Gabriel; MURAD, Mauricio; SANTOS, Roberto Ferreira dos; Educação física escolar e práticas de violência no futebol: o tráfico de menores e a infiltração do "crime organizado" nas torcidas-prevenção e reeducação, in, MURAD, Mauricio, SANTOS, Roberto Ferreira dos, SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da(orgs.), Escolas, Violências e Educação Física, Rio de Janeiro, Ed. Jaguatirica, 2018

SALES, Arthur, disponível em https://universidadedofutebol.com.br/2021/01/21/a-eterna-comparacao-entre-os-salarios-de-neymar-e-marta/ , acesso em 29 mai. 2022.

SANTANA, Wilton Carlos de.; Reis, H. H. B. Futsal Feminino: perfil e implicações pedagógicas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 11. Núm. 4. p. 45-50 2003.

SANTANA, Wilton. Carlos de; *Futebol de salão e futsal: 70 e poucos anos de história*. Disponível em http://www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.php. Acesso em 12 Jun. 2021.

SANTOS, José Vicente Tavares. A violência como dispositivo de excesso de poder. Soc. estado, Brasília, v. 10, n. 2, p. 281, 1996.Soc.estado. vol.19 no.1 Brasília Jan./June 2004.

SANTOS, Marilia Baldoino Treinadoras no futebol de mulheres no Brasil: trajetórias em construção. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/217458.

SCHIMANSKI, E. GÊNERO, FUTEBOL E ESPORTES: A SORORIDADE COMO COMPONENTE NECESSÁRIO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, *[S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 59–66, 2019. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/13782.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, S. J. Racismo no futebol. Rio de Janeiro, Ed. HP Comunicação Editora. 2006.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, v. 19, p. 52-68, 1999.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. M. (Org.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação - Educação Física. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 71-86.

SOUZA JÚNIOR , Osmar Moreira de; Reis, Heloísa Helena Baldy dos futebol de mulheres: a batalha de todos os campos-1.ed. Esporte e ciências humanas, Ed. Paulínia: Autoesporte 2018.

TAMASHIRO, Lucas Isamu.; GALATTI Larissa Rafaela. Preconceito no Futsal e Futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão bibliográfica. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 10, n. 41, p. 795-799, 20 jan. 2019.

VOSER, Rogério- Futsal princípios técnicos e táticos, Rio de Janeiro. Ed.Sprint, 2001.

ARTIGO DE PESQUISA DE CAMPO

VIOLÊNCIAS NO FUTSAL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS

RESUMO

Esse artigo é resultado de uma pesquisa de campo, de caráter quali-quantitativa, na qual foram entrevistadas quinze atletas universitárias de futsal da equipe feminina da Atlética do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu. As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2022, abordando os tipos de preconceitos vivenciados pelas mulheres que praticam futsal e futebol, além das violências oriundas desses preconceitos. Como objetivos, buscou-se expor a diferença de estereótipos de gêneros no esporte desde o início da prática esportiva, por mulheres. Com esta investigação, buscou-se destacar as atribuições e o desenvolvimento das mulheres e as dificuldades encontradas por elas, em especial no futebol e no futsal. Buscou-se ainda, identificar os vários tipos de preconceito, vividos por mulheres praticantes do futebol e suas variantes, e assim como as violências decorrentes, nos variados ambientes frequentados pelas atletas, incluindo também o ambiente familiar. Para o embasamento teórico, foi realizada uma revisão narrativa de literatura com base em artigos, tendo como fonte primária de pesquisa o Google Acadêmico, além de livros e sites. Chegando ao fim da construção desse artigo, conclui-se que apesar dos avanços conquistados pelas mulheres, o preconceito no futsal e futebol de mulheres e os estereótipos ainda predominam, muito por conta do machismo que ainda perdura na sociedade.

Palavras chaves: futsal, futebol, violência, mulheres, feminismo

ABSTRACT

This article is the result of a qualitative and quantitative field research, in which fifteen female university futsal athletes from the Athletics team of the Physical Education course at Estácio de Sá University - Campus Nova Iguaçu were interviewed. The interviews took place between October and November 2022, addressing the types of prejudice experienced by women who practice futsal and soccer, in addition to the violence arising from these prejudices. As objectives, we sought to expose the difference in gender stereotypes in sports since the beginning of sports practice, by women. With this investigation, we sought to highlight the attributions and development of women and the difficulties encountered by them, especially in soccer and futsal. We also sought to identify the various types of prejudice experienced by women who practice football and its variants, as well as the resulting violence, in the various environments frequented by the athletes, including also the family environment. For the theoretical basis, a narrative literature review was carried out based on articles, using Google Scholar as the primary research source, in addition to books and websites. Coming to the end of the construction of this article, it is concluded that despite the advances achieved by women, prejudice in futsal and women's football and stereotypes still predominate, largely due to the machismo that still lingers in society.

Keywords: futsal, football, violence, women, feminism

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da modalidade esportiva mais popular do mundo, Futebol é pra macho! é uma das expressões que caracterizam esse esporte, dando ênfase ao conceito preconceituoso de que o futebol é um esporte para homens. Conforme pontua Franzini (2005, p.316), "A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença "futebol é coisa para macho" (ou, em uma versão pouco menos rude, "coisa para homem"), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito".

Para Dunning e Elias (1992), apud Martins e Wenetz (2020, p.10)), "o futebol foi a última área de sociabilidade reservada aos homens e, por isso, servia como espaço único e ubíquo para a manifestação e afirmação de uma masculinidade agressiva". Dessa forma, no Brasil e em muitos outros países, percebe-se que ao longo da história o futebol sempre possuiu um viés de masculinidade agressiva e de prova de virilidade. "A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol" (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 6).

Devide e Brito (2021, p.24) referem que "a relação entre práticas corporais e masculinidade colabora para construir uma representação social que agrega as masculinidades a um corpo atlético, forte, combativo, tolerante à dor e resistente". O futebol é uma importante instituição masculina. "Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades" (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p.7). Assim, muitos se utilizaram de discursos que traziam considerações sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres para que justificassem proibições às mulheres de praticarem o futebol.

Situação descrita por Goellner:

> na justificativa de que esse é um esporte, que, além de ser considerado violento, requer um nível apurado de preparação física e técnica. Ou seja, é um jogo para machos. Sendo, portanto, para machos, pode vir a ferir o corpo feminino, fundamentalmente no que diz à sua saúde reprodutiva e ao seu aspecto estético (2000, p. 81).

Martins e Wenetz enfatizam que "o futebol é o esporte mais popular do Brasil e representa um espaço privilegiado de sociabilidade, educação e construção de vínculos" (2021, p.10), porém, nota-se que "esse espaço tem sido, historicamente, reservado aos homens e a expressão de uma masculinidade viril e agressiva", (idem).

Devide e Brito demonstram que,

> a masculinidade é uma espécie de grande regra do mundo. Essa grande regra do mundo configura a norma, aquela que não precisa dizer de si, atua no silêncio, que conforma nossos corpos. A norma é heterossexual, branca e cisgênera (2021, p. 17).

Assim, ao levantar uma discussão sobre a política de gênero no futebol, há de se destacar a observação no tocante ao poder masculino e ao culto à masculinidade dentro do esporte. Há uma cultura machista universal, presente fortemente também no Brasil, que envolve o futebol, sobretudo o profissional.

> As masculinidades são construções culturais. É na cultura que os indivíduos são produzidos como sujeitos de gênero e é a partir do conceito de gênero que nos permitimos pensar nas construções de masculinidades atravessadas pelo futebol no Brasil. Gênero é um elemento definidor de inteligibilidade em nossa cultura (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 248).

Pode-se identificar a celebração dessa cultura, como se fosse uma afirmação de masculinidade, quando jogadores e árbitros são ofendidos com adjetivos pejorativos, que remetem a não masculinidade, tais como “veado”, “bicha” e “boiola”, além de outras piadas de cunho sexual como que remetem a alguma prática sexual ou mesmo as que remetem a xingamentos às mães daqueles, ou quando as mulheres são mais notadas pela sua beleza do que pela sua capacidade técnica ou possuem uma habilidade acima da média e acabam por ouvir que jogam iguais aos homens.

Bandeira e Seffner pontuam que,

> os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e, também, num espaço de construção da masculinidade. Atributos de uma masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em diferentes cânticos das torcidas (2013, p. 253).

Dessa maneira, o futebol não costuma ser um espaço acolhedor para homossexuais, mulheres e trans, muito por conta preconceito presente em grande parte da sociedade, que estigmatiza a homossexualidade como sendo pecado, doença ou crime, ou tenta colocar a mulher em posição de submissa e inferior aos homens.

Apesar da negação de homofobia ou preconceito de gênero, na prática é comum encontrarmos ações e argumentos preconceituosos que seguem alimentando ainda um grande tabu do futebol.

Desde cedo, jogadores são estimulados a adotar comportamentos que transbordem

virilidade e imposição pela força. Assim, ainda podemos observar em muitas escolinhas de futebol, crianças ouvindo de seus treinadores, expressões, adotadas como discurso motivacional, para que não esmoreçam a cada dividida mais brusca: “Levanta, futebol é coisa para macho!” Ou então meninos que não possuem um domínio necessário ao futebol, não apresentando um desempenho satisfatório, mesmo assim se arriscam em uma partida, ouvem a famosa frase “parece uma menininha jogando”.

A ideia de que o esporte se resume ao universo masculino não é prejudicial apenas à mulher ou homossexuais, que para serem aceitas precisam travar batalhas diárias nos gramados e fora deles também, porém, reflete também nos homens que amam o jogo e não compactuam com sua lógica discriminatória. E, sobretudo, a quem se recusa a abraçar comportamentos preestabelecidos que delimitam fronteiras entre o que é aceito e o que é vedado pelos conceitos definidos de forma machista no futebol. Como bem descreve Giulianotti (2002), no livro Sociologia do Futebol:

> A identidade masculina é múltipla e multifacetada em todos os grupos de torcedores. Os hooligans não são eternos prisioneiros da “masculinidade agressiva” (DUNNING; MUROHY; WILLIAMS, 1998) ou uma ‘cultura de arruaceiros’. Longe do futebol, eles adotam outros papéis masculinos como companheiros, pais, filhos, colegas de trabalho e amigos. (p. 198-199).

Posição também defendida por Castro “a mesma cultura que se impõe sobre as mulheres, vulnerabilizando-as, é também aquela que subjuga os homens que fogem à regra do estereótipo viril, forte, agressivo, impositivo de masculinidade” (CASTRO, 2015, p.13).

Apesar da pressão no meio futebolístico, percebe-se que grande parte dos torcedores não faz coro com esse comportamento violento, racista, sexista e homofóbico, seja dentro ou fora do campo. É muito mais encantador o drible, o gol bonito, a jogada do ou da craque do que a “botinada” de um perna de pau e o que menos importa é a sua origem étnico-racial, credo, orientação sexual ou gênero.

O preconceito dentro do esporte, de maneira geral, é enorme, seja de gênero, orientação sexual ou de origem étnico-racial, e o futebol é um dos maiores vetores dessa prática. Ao longo da história, raros são os casos de jogadores de elite que se declararam homossexuais e quando o fizeram foi apenas quando encerraram suas carreiras.

Franzini demonstra como esse preconceito está em todos os níveis da sociedade:

> O jornalista Sérgio Cabral conta que, perguntado certa vez sobre o que achava do futebol feminino, o comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser

> contra — e justificou, com sua língua ferina: “Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: ‘O que você faz minha filha?’ E a mocinha responde: ‘Sou zagueiro do Bangu’. Quer dizer, não pega bem, não é? (2015, p. 316).

De acordo com o contexto histórico da chegada do futebol no Brasil, Murad (2017, p. 82) considera que “o elitismo, o racismo, a exclusão foram as primeiras violências ocorridas no futebol brasileiro”.

Um dos casos mais emblemáticos acerca do racismo ocorreu com o ex-goleiro Barbosa, falecido em abril de 2000, multicampeão pelo Clube de Regatas Vasco da Gama e jogador da Seleção Brasileira, foi apontado como o grande culpado pela derrota do Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 1950, diante do Uruguai, corroborando a teoria de que goleiros negros são menos confiáveis que goleiros brancos, “persiste ainda um imaginário negativo em relação aos negros, sobretudo quando se trata da posição do goleiro” (SILVA, 2006, p. 25).

Assim como no racismo, não é tão simples apenas aceitar as posições de gênero e sexualidade, é preciso também aprender a lidar com elas. Por conseguinte, gênero e sexualidade estão muito presentes no âmbito escolar e principalmente nas aulas de educação física, pois é o momento em que essas diferenças ganham ainda mais notoriedade, muito por conta do modelo esportivista que caracterizou e ainda é muito evidente na Educação física desde a década de 70, a estrutura e o funcionamento do esporte moderno “estão fundamentados em uma lógica ditada por uma sociedade que tem como referência a produção” (RUBIO, 2011, p. 86).

Posição corroborada por Basto e Navarro (2009) apud Pereira e Antunes (2017, p. 8) “A fragmentação da prática esportiva em nível educacional na história da educação física contribuiu para a caracterização dos comportamentos femininos e masculinos”, dessa forma vão se mantendo papéis sexuais distintos e determinados pelo sexo.

Dessa maneira, constitui-se uma das tarefas mais árduas, para o profissional de educação física, fazer com que as alunas e os alunos, principalmente esses, possam entender que as diferenças existentes nos âmbitos sociais, de gênero e sexualidade, de etnias e orientação sexual são culturalmente e socialmente construídas.

Para Souza e Altmann:

> O gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas (1999, p. 3).

Segundo Devide e Brito:

> A produção de corpos masculinos está desde muito tempo implicada com a escolarização e com os esportes. Dentre os muitos estigmas que se podem gerar neste campo, destacamos aqueles ligados ao gênero e à sexualidade. A Educação Física escolar tem grande impacto em definições correntes da norma acerca do corpo perfeito, padrão ou normal, ligado em geral a noções de desempenho marcadas pela virilidade (2021, p. 9).

Diante disso, o profissional de educação física tem um papel de extrema importância na hora de ministrar as aulas, ele poderá colocar ou quebrar alguns obstáculos que aparecerão durante as aulas com relação ao gênero. O profissional de educação física deve estar preparado para diversas situações, tornar as aulas participativas, fazendo que meninos e meninas participem juntos, havendo assim uma maior interação e motivação.

Conforme aponta Darido,

> Vemos que o professor de educação física, possui um papel importante na escola, pois deve refletir e reconhecer as diferenças entre os alunos, utilizando os jogos e outras práticas corporais como meio eficaz de ensinar os jovens a tolerância, e as aceitações das diferenças de cada um (2011, p. 169).

Osborne e colaboradores (2018) compartilham do mesmo princípio:

> Incluir conscientemente as questões sobre as relações de gênero nas práticas educativas na educação física escolar supõe ampliar a função social do educador físico para além do ensino do movimento propriamente dito, minimizando práticas de exclusão e violência no contexto dessas aulas (2018, p. 141-142).

Um dos grandes desafios enfrentados por professores de Educação Física em sua prática pedagógica refere-se ao trabalho com a coeducação, afinal o "[...] fato de se juntar meninos e meninas não garante uma revisão de preconceitos e discriminações presentes em nossa sociedade" (SOUZA, 2004, p. 82).

A importância da coeducação se reflete na fala de Devide *et al.,*

> As aulas coeducativas possibilitam a socialização entre alunos (as) através de situações didáticas que visam esclarecer conceitos como papéis sexuais e estereótipos, combatendo preconceitos e práticas discriminatórias, buscando conscientizar os alunos (as) sobre como lidar com as diferenças, de forma inclusiva e pacífica, combatendo qualquer forma de violência por gênero (2018, p. 141).

Porém, nota-se que alguns professores ainda têm como referência os princípios da educação tradicional ao valorizar a competição entre os sexos e a exclusão mediante a ausência

de habilidades técnicas e motoras, agindo dessa forma, não se leva em consideração o objetivo principal das aulas, que consiste na formação crítica dos alunos e alunas e a estimulação dos princípios de solidariedade, respeito à diversidade.

Castro defende que, “os modos pelos quais os meninos e homens são educados naturalizam a agressividade, a impulsividade e a competitividade, ao passo que às meninas e mulheres reserva-se uma educação para a aceitação, submissão e passividade” (2015, p. 13).

As aulas de Educação Física com atividades que possam incluir alunos e alunas poderá ser uma das iniciativas para superar alguns princípios da educação tradicional e ser um meio de transformação da concepção de gênero e sexualidade que os alunos têm uns com os outros, inclusive auxilia para a eliminação do sexismo, que dita o que cada sexo deve ou não fazer.

Relevância e justificativa

O futebol, desde sua origem, se caracteriza como um esporte atrelado ao sexo masculino, da mesma forma que brincadeiras com bonecas ou a dança são atreladas como atividades do sexo feminino.

Essa “teoria” é muito bem descrita por Gollener:

> Se dizem que futebol é coisa de homem, dizem, também, que dança é coisa de mulher. Não há quem não conheça uma piada, uma provocação, um xingamento pejorativo, que não reforça essa ideia, ou melhor, esse preconceito. De onde vêm, então, essas ideias (2000, p. 83).

Assim como em outros campos da sociedade, o esporte continua sendo ambiente ameaçador, tanto para mulheres, como para homossexuais e transexuais, no qual se observa forte presença de desigualdades de gênero no campo das atividades físicas e esportivas. Casos de discriminações de gênero e racismo são frequentes na sociedade, o mesmo pode ser observado nos segmentos onde se inserem os esportes principalmente no futebol e futsal.

Neste sentido, o presente estudo se justifica, na tentativa de ampliar os debates informados, a partir do conhecimento. Espera-se, que os resultados das pesquisas a serem realizadas, poderão contribuir para que um maior número de pessoas possa se envolver nas discussões, procurando soluções para as questões dilemáticas relacionadas ao esporte, de maneira geral, mas especialmente no futebol e futsal de mulheres.

Utilizamos o estudo de Schimanski para reforçar essa questão:

> Discutir sobre gênero e esportes constitui-se como uma necessidade premente no contexto atual, sobretudo em uma sociedade como a brasileira, na qual não obstante as lutas por igualdade observa-se um volume grande de desigualdade, de preconceito e por consequência de violência em relação à mulher (2019, p. 60).

Objetivos

Objetivo geral

Descrever as percepções de atletas femininas de futsal universitário sobre preconceitos, discriminações e violências no campo desse esporte, de forma a analisar os processos estruturados e estruturantes que sustentam tais comportamentos.

Objetivos específicos

- Investigar as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade em jogadoras universitárias de futsal;
- Discutir o preconceito presente no futebol/futsal feminino e os estigmas associados a esse esporte.

Metodologia

Esta investigação foi realizada com atletas de futsal feminino, com o objetivo de dar resposta as questões de investigação:

Quais são as violências sofridas pelas mulheres no futsal e quais as causas prováveis dessas violências?

A recolha de dados, para responder a questão de investigação, envolveu a técnica de inquérito por entrevista a quinze atletas universitárias, da equipe de futsal da Atlética do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu.

Uma população é formada pelos membros de um grupo de pessoas, acontecimentos ou objetos, que obedecem a um critério, e ao qual se pretende generalizar os resultados. Uma amostra é um subconjunto dos elementos que compõem a população e, para ser representativa, necessita apresentar características semelhantes, tanto quanto possível, às da população (FREIXO, 2010). Neste estudo, a amostra selecionada não é representativa, pois a recolha de dados decorreu com um número pequeno de atletas, de uma mesma instituição. Trata-se por isso de uma amostra disponível.

As entrevistas foram presenciais, duraram cerca de trinta minutos, e foram gravadas em áudio com o consentimento das participantes. Eles foram realizados com cada atleta

separadamente, na Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu, local escolhido por cada participante. As participantes foram informadas dos objetivos do estudo e estavam livres para abandonar a entrevista a qualquer momento. As entrevistas foram então transcritas na íntegra. Após a transcrição, as gravações em áudio foram destruídas e os dados anonimizados.

Os dados das atletas são narrativas escritas de sua experiência no futebol e futsal. As atletas foram convidadas pessoalmente a participar do estudo e, após consentimento informado, postar anonimamente suas narrativas neste estudo.

Na seção de resultados, as atletas são identificadas pela letra A, representando atleta, seguido de um número, referente a ordem em foi entrevistada

Para a seleção das atletas desta amostra, definiu-se a intersecção de alguns critérios que julgamos relevantes para caracterizarem o estudo. Como condições básicas para participação nas entrevistas, todas as atletas deveriam ter 18 anos ou mais. Estarem devidamente matriculadas no curso de Educação Física. Serem componentes da equipe de futsal na Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu e que tivessem disputado ao menos um torneio universitário de futsal nos anos de 2021 e 2022.

A análise dos dados foi efetuada com base na utilização de procedimentos da estatística descritiva para variáveis qualitativas.

A matriz da entrevista foi organizada pelo pesquisador junto ao orientador, em quatro dimensões (Quadro 1).

A dimensão I apresentou questões relativas às características pessoais, acadêmicas e profissionais das jogadoras entrevistadas. A dimensão II buscou saber sobre a iniciação desportiva e percurso no exporte. A dimensão III pretendeu colher informações referentes aos possíveis preconceitos e discriminações, experimentado pelas atletas. A dimensão IV relacionou-se com as questões de sexualidade e padrões de feminilidade. É de referir que as dimensões I a IV da matriz da entrevista são essenciais para conhecer a perspectiva das jogadoras em relação a discriminação, preconceito e a violências no futsal.

As entrevistas foram realizadas na Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu, onde as atletas estudam, conforme indicação das mesmas, em dias diferentes, de acordo com a disponibilidade e horário de cada atleta), de acordo com a disponibilidade de horário de cada uma. As atletas, entrevistadas individualmente, foram informadas, no início da entrevista, sobre o objetivo da mesma, leram e assinaram um termo de consentimento informado. A seguir a entrevista foi gravada, com autorização das entrevistadas

O processo de tratamento de dados implicou a transcrição integral da entrevista e

destruição das gravações de áudio. A cada transcrição colocou-se um código (A_n) sendo A a indicação de atleta e n o número na ordem pela qual a entrevista foi realizada. Os dados de natureza pessoal não foram inseridos na transcrição.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil, com o CAAE: 65821222.5.0000.5289 e Parecer: 5.888.122.

Quadro 1 - Matriz da entrevista

Dimensão		Objetivos	Questões
I - **Características das atletas**	Pessoais	- Caracterizar a amostra de jogadoras quanto à idade	1.1.
	Acadêmicas	- Caracterizar a amostra de jogadoras quanto à sua formação acadêmica	1.2.
	Profissionais	- Caracterizar a amostra das universitárias quanto ao tempo de trabalho	1.3. 1.4.
II – **Iniciação esportiva**		- Identificar de que forma as jogadoras iniciaram no esporte - Identificar na perspectiva das jogadoras as dificuldades de alcançar um nível técnico e físico.	2.1. 2.2 2.3 2.4 2.5
III- **Discriminação e preconceito**		- Identificar os principais preconceitos sofridos pelas mulheres na prática do futsal. - Identificar os motivos que levam a esses preconceitos. - Identificar se houve apoio para a prática do futsal.	3.1. 3.1. 3.2. 3.4. 3.5
IV - **Sexualidade e padrões de feminilidade**		- Identificar, na perspectiva das jogadoras, os padrões de sexualidade e feminilidade impostos pela sociedade; - Caracterizar os padrões e a influência na prática do futsal - Conhecer, pela voz das jogadoras, um episódio de violência	4.1. 4.2. 4.3. 4.3 4.4. 4.5.

No quadro 2 encontra-se o roteiro da entrevista, com as perguntas organizadas a partir das dimensões da matriz .

Quadro 2: Roteiro da entrevista

Dimensão	Questões
I - **Características das atletas**	1.1. Qual a sua idade? 1.2. Qual a graduação que está cursando? 1.3. Qual instituição? 1.4. Exerce alguma atividade profissional? Se sim: Qual? Há quanto tempo?
II – **Iniciação esportiva**	21. Com que idade começou a praticar futsal ou futebol? 22. Como foi a sua iniciação no esporte? Porque a escolha pelo futsal? 2.3. Já jogou futsal ou futebol com meninos? 24. Frequentou alguma escolinha ou clube? 2.5. Havia um time exclusivo para meninas?
III- **Discriminação e preconceito**	3.1- Teve apoio do pai, mãe ou algum outro responsável, quando decidiu jogar futebol? 3.2- Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? De maneira geral ou só relacionado ao futebol? 3.3- Já presenciou casos de preconceito ou discriminação sofridos por outras mulheres? De maneira geral ou só relacionado ao futebol? 3.4- Já sofreu algum tipo de violência (física ou verbal)? idem Se sim: Gostaria que narrasse um episódio que considere significativo que tenha vivenciado de uma violência 3.5- Já presenciou casos de violência (física ou verbal) sofridos por outras mulheres? idem Se sim: Gostaria que narrasse um episódio que considere significativo que tenha presenciado de uma violência 3.6- Qual o grupo que mais discrimina (homens ou mulheres)? idem
IV - **Sexualidade e padrões de feminilidade**	4.1- Sente-se a vontade para falar sobre a sua orientação sexual? 4.2- Em caso positivo na questão anterior, qual a sua orientação sexual? 4.3- Acredita que há algum estereótipo relacionado à feminilidade com as praticantes de futsal e futebol? Gostaria de falar mais alguma coisa que não foi abordada nesta

RESULTADOS

As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro e novembro e foram utilizadas para a essa amostra quinze participantes, todas integrantes da equipe de futsal da Atlética de Educação Física da Universidade Estácio de Sá - Campus Nova Iguaçu.

A Dimensão I da entrevista se ateve a identificações pessoais das entrevistadas. As atletas têm idade entre vinte e trinta e três anos. Todas as participantes cursam Educação Física. Como se pode constatar no tabela, doze atletas cursam bacharelado e três cursam licenciatura. Oito atletas já exerceram alguma função remunerada.

Tabela 1: Caracterização da amostra

CARACTERÍSTICAS DAS ATLETAS	
CURSO	Educação Física
LICENCIATURA	3
BACHARELADO	12
ATIVIDADE REMUNERADA	

NÃO	7
SIM	8

A Dimensão II da entrevista enfoca a iniciação esportiva. Todas as entrevistadas afirmaram que o início foi em times de meninos. A idade média de iniciação no esporte foi 10 anos.

> ‘Eu me recordo de ir bem pequenininha com o meu tio quando ele jogava todo domingo futebol de bairro mesmo e eu o acompanhava. Eu gostei, então na escola quando tinha futebol eu sempre queria jogar. Eu sempre olhava assim, então por volta de uns 9 /10 anos que eu comecei a entender e queria jogar.” (A3)

A paixão pelo esporte foi o principal motivo para escolha do futebol como primeiro esporte

> “porque eu achava muito chato de vez em quando é brincar de boneca essas coisas, né? E eu sempre gostei de sair da zona de conforto, então eu acho que o futsal foi o que eu mais me identifiquei” (A2)

Entre as quinze participantes, nove nunca frequentaram nenhuma escolinha de futsal ou futebol, duas treinaram em escolinhas apenas de meninos, sendo as únicas meninas nessas escolinhas e três jogaram futsal na escola e uma em um clube/escolinha em times exclusivamente femininos.

Tabela 2: Iniciação esportiva

Iniciação esportiva	
Já jogou futsal ou futebol com meninos?	
SIM	15
NÃO	0
Frequentou alguma escolinha ou clube?	
SIM	6
NÃO	9
Havia um time exclusivo para meninas?	
SIM	4
NÃO	11

> “eu só comecei a jogar futsal mesmo quando entrei na faculdade e até então eu só jogava na rua e pra mim era apenas uma brincadeira.” (A1)

A Dimensão III da entrevista se referiu a questões de discriminação e preconceito no futsal.

Ao serem indagadas se tiveram apoio do pai, mãe ou algum outro responsável, quando decidiram jogar futebol, três responderam que tiveram apoio tanto do pai quanto da mãe, duas tinham apoio apenas da mãe e dez nunca tiveram apoio dos pais. Outros parentes citados que apoiavam foram, irmão, tio e avó.

> “Minha família esbarrava nesse preconceito, até mesmo quando eu jogava na rua e a minha rua sempre foi cheia de meninos e não de meninas então eu jogava com eles na rua e mesmo assim era algo que quando eu tinha futebol então meus pais ficavam de cara feia” (A3).

> “Meus pais até apoiavam, mas minha mãe insistiu para que eu fizesse balé por que minha irmã mais velha já fazia, mas eu nunca tive jeito pra isso.” (A12)

Em relação ao preconceito e discriminação sofridos, quando indagadas se já sofreram algum tipo de violência (física ou verbal), as respostas foram unânimes. Todas as entrevistadas disseram que sofreram algum tipo de violência física ou verbal, sendo esta a mais comum. A utilização de termos que referem a orientação sexual foram os mais utlizados de forma pejorativo, tais como, sapatão e mulher-macho, além da frase ‘futebol é pra homem’.

> “eles assimilam minha opção sexual porque eu jogo bola aí não tem nada a ver, até porque futebol é futebol, é alegria, paixão e ponto, não tem nada a ver com opção sexual”. (A10)

> Uma coisa que eu mais escutava era que as pessoas falavam para minha mãe pra ela ver se eu ia ser menina mesmo, e pra gente conversar, porque às vezes eu poderia gostar de meninas também. (A6)

> Ah, vai pra casa que teu lugar não é aqui, vai lavar uma louça. (A14)

As atletas que relatam já ter sofrido algum tipo de violência física, informaram que os episódios ocorreram apenas dentro do campo de jogo. Cinco atletas disseram que sofreram violência física apenas em campo quando jogaram com meninos e dez atletas relatam que nunca sofreram nenhum tipo de violência física.

> “eu dei um drible sem querer foi não foi nem porque eu realmente quis e o menino foi me machucou por isso, machucou minha perna e eu tenho esse episódio marcado na minha mente, mas foi só esse mesmo, ele falou depois que era para eu aprender, mas ficou por isso mesmo porque eu tava sentindo muita dor e aí eu fui embora.” (A1)

> “acontecia muito quando né? A da primeira vez dava um drible e os caras começavam a botar pilha e os caras ficavam pilhados, aí na segunda entravam mais forte falando que futebol é pra homem, bom tá aí aguenta, se está jogando tem que aguentar. Quando isso acontecia eu pensava, então vou provar que eu sou melhor, aí eu sempre usei isso como uma fonte, né? tem uma coisa que não me desafia, né? toda fala igual a essa aqui que futebol é para homem eu nunca entendi isso e para mim até que me provem o contrário eu vou continuar jogando futebol” (A5).

Quando se referem a percepção de violências com outras meninas, quatro das entrevistadas presenciaram episódios de violência verbal ocorridos por companheiras de time ou adversárias.

> “assim eles falam que é acontece que vai se igualando a eles, né? Joga muito ele não tem como jogar com eles não é joga igual homem é deles é essa pô ela pode ela dá porque vai gente ela aguenta, né? Ela tem o mesmo nível (A11)
>
> Pra jogar desse jeito só pode ser sapatão, mais macho que eu (A13).

Quanto aos dados relacionados ao grupo que mais discrimina (homens ou mulheres), treze das entrevistadas elegeram os homens como o grupo que mais discrimina, uma não soube responder e uma apontou que os dois grupos discriminam de maneira igual.

> os homens, não é sempre mais porque infelizmente é como se fosse o mundo deles, né? O futebol é pra homem que qualquer coisa diferente disso a gente nunca vai aceitar, é um corpo estranho para eles eu não sei eu acho que vai muito pro lado de uma questão sexual, né? Quando as mulheres que não sabem jogar querem jogar vamos deixar porque é só uma menina correndo de um lado e pro outro. (A15?)

Tabela 3: Discriminação e preconceito

Discriminação e preconceito **Fonte: Autoria própria. Dados da pesquisa de campo**

Teve apoio do pai, mãe ou algum outro responsável?	
APENAS PAI OU MÃE	2
AMBOS	3
NUNCA	9
Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação?	
SIM	15
NÃO	0
Já presenciou casos de preconceito ou discriminação sofridos por outras mulheres?	
SIM	4
NÃO	5
Já sofreu algum tipo de violência (física ou verbal)?	
SIM (FÍSICA)	5
NÃO(FÍSICA)	11
SIM (VERBAL)	15
NÃO (VERBAL)	0
Qual o grupo que mais discrimina	
HOMENS	13
MULHERES	0
AMBOS	1
NÃO SOUBE RESPONDER	1

Na dimensão IV que trata de questões de sexualidade e padrões de feminilidade, alguns dos temas são sensíveis, como é o caso da sexualidade, não se sentindo muitas vezes atletas à von-

tade para dialogar sobre eles. Porém nesta investigação nenhuma das atletas se opôs a declarar sua orientação sexual. Assim, sete atletas se declararam com orientação heterossexual, seis homossexual e duas bissexuais.

Tabela 4: sexualidade e padrões de feminilidade.

Qual a sua orientação sexual?	
HETERROSSEXUAL	7
HOMOSSEXUAIS	6
BISSEXUAIS	2

A questão 4.3, relacionada à crença de algum estereótipo relacionado à feminilidade com as praticantes de futsal e futebol, todas as entrevistadas foram unânimes em afirmar que já observaram estereótipos em relação às mulheres praticantes de futsal ou futebol. Das quinze entrevistadas, apenas duas não tiveram episódios relacionados diretamente a elas.

> "eu gostava de pintar o cabelo, eu ficava no azul ou de vermelho, andava de boné, usava um blusão largo e que tinha todos estereótipos sim, para ser no caso, na cabeça das pessoas uma menina lésbica ou algo do tipo. No início foi bem complicado eu tentava até porque eu nem pensava em relacionamento, mas eu ficava chateada eu pensava poxa eu estou jogando bola na minha cabeça eu estava jogando bola ou andando de skate, então as meninas deviam pensar mais nelas e não se importar com os outros." (A6)

> "bastante a gente sabe que até mais no meio das próprias meninas. Eu convivo bastante com diversas meninas que jogam, meninas que tem realmente uma característica mais masculina, que andam mais assim largadas, que não tem muita vaidade mesmo e as pessoas olham já falam que é sapatão. Olha a mulher na verdade, a menina não é, mas ainda ficam tipo assim chateada porque ainda insiste dizendo que sim, então eu acho que tem bastante isso daí em tudo, ainda mais quando se sobressai jogando aí a pessoa já tem certeza e fala que corta pro outro lado ou alguma coisa assim." (A7?)

> "você tá lá jogando porque você gosta, aí usa uma roupa de repente mais folgada, é o teu estilo independente de ser, o é o meu estilo pode ser isso, pode ser aquilo e não tem nada haver por que tem várias jogadoras que são lésbicas e usam rabo de cavalo, se veste com roupas mais justas , né? E até hoje eu escuto dos meninos, eles olham assim e já falam é sapatão é isso que eles falam mais, vou casar, ter filhos e ainda vou escutar sempre. (A13)

DISCUSSÃO

Históricos preconceitos referentes às questões de gênero estão impregnados na sociedade. Muitos são relacionados a representações de masculinidade e feminilidade, também se revelam no esporte e são observados, principalmente, no meio futebolístico. O fato

de o futebol e o futsal serem esportes criados e dirigidos em sua maioria por homens, reforçou uma visão de que seu domínio é puramente masculino e que nesse universo só se pode adentrar com autorização expressa masculina, com concordância tácita de suas regras de comportamento.

Segundo Goellner:

> Representado como um esporte protagonizado por homens, desde seus primórdios, o futebol tem se configurado como um território pleno de cerceamento para ascensão e a permanência das mulheres. Muitos dos argumentos que justificam essa afirmação estão relacionados à natureza de seus corpos, representados como mais frágeis quando comparadas aos dos homens (2020, p. 22).

O relato de A8 reflete bem esse tema e demonstra como as pessoas interiorizam essa visão, ao ponto do esporte quando praticado por mulheres, causar uma estranheza "surreal" ainda hoje.

> "eu acho que está instalado até na cabeça de nós mesmas aqui que o futebol é masculino, então a gente só joga com o menino. Por isso, já é de família, da sociedade, está instalado já na nossa cabeça que é masculino e ponto. Então quando tem um futebol feminino é uma coisa surreal pra gente".

A escola que poderia ser um espaço de diálogo e de transformações sociais, ainda reforça o predomínio masculino no esporte. É muito comum ver em aulas de Educação Física, por exemplo, a presença somente de meninos jogando futsal e as meninas jogando ou brincando com outros jogos, com menos ou até nenhum contato. E muitas vezes não se trata da vontade delas, mas sim algo que lhes é imposto.

Um fato relacionado a uma professora de Educação Física marcou muito uma das entrevistadas:

> "uma negativa acho que na época da escola que marcou muito, né? com a escola, porque a professora era daquele tipo que dava as chaves da quadra e os meninos iam lá e jogavam bola. E eu sempre gostei muito de jogar bola, então eu queria ir também. Só que pelo fato de eu ser menina eu não podia ir. Então isso sempre me travou muito, ficava bem chateada." (A6)

A convivência social é composta por diferentes redes de relações, que integram os cenários em que se vive, e a escola é uma das principais instituições nessa rede, portanto, vai reproduzir todo o contexto social.

Louro destaca bem essa questão:

> Assim como a sociedade em geral possui suas especificidades, as instituições escolares reproduzem e refletem as concepções de gênero e de sexualidade que circulam

> na sociedade e as que elas próprias produzem. O espaço escolar também é um dos espaços em que há a edificação das identidades de gênero, sexualidades, de raças, de etnia, de cultura, de modos de ser, estar e de se comportar perante a sociedade através dos currículos, normas, procedimentos escolares e pedagógicos, linguagens, teorias, nos materiais didáticos e nos processos de avaliação (2001, p. 89).

Embora o homem se encontre num momento de vulnerabilidade, perdido pela confusão entre antigos valores, com os quais conviveu boa parte da sua existência, e novos valores, que fazem com que ele não se sinta confortável, esse movimento de mudança precisa ser também de responsabilidade masculina.

> O feminismo nos leva a luta por direito de todas, todes e todos. Todas por quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero-e de sexualidade- e isso veio a interferir no todo da vida, Todos porque luta por certa ideia da humanidade, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático (TIBURI, 2018, p. 6).

E para que essa luta seja realmente de todas, todes e todos se faz necessário que se conheça e exalte os feitos históricos das mulheres dentro e fora de campo. Aranovich (2019) resume bem essa questão.

> Conhecer a História das Mulheres muda também a vida dos alunos homens. Até porque eles aprendem que mulheres são aliadas, não inimigas, e quem criou o conceito de "sexo oposto", como se tivéssemos em oposição, como se fôssemos espécies distintas, não foram as feministas, e sim o patriarcado. (p. 21)

Em relação aos prejuízos possíveis do patriarcado para a mulher seguir profissionalmente no futsal fica evidente na fala de uma das atletas. Em sua percepção, o patriarcado prejudicou e ainda prejudica as mulheres não só no esporte, mas na sociedade, de forma ampla, desvalorizando o potencial e os desejos da mulher.

> Uma coisa que me marcou de uma forma negativa foi a questão do meu pai mesmo, fico chateada até hoje mesmo. Ele simplesmente falava 'não' e eu tinha que obedecer Talvez se eu tivesse o apoio dele, hoje em dia seria tudo muito diferente. Jogo bola pra caramba, de repente se eu tivesse apoio do meu pai eu seria uma jogadora profissional. (A14).

O relato da atleta evidencia o conceito de patriarcado exposto por D'Ávila, que ajuda a entender melhor como se dá essa relação: "É a sociedade baseada, cultural, estrutural e socialmente numa hierarquia em que os homens, brancos, cis e heteros, e a masculinidade tem mais valor." (2022, p. 55).

Ainda em relação ao grupo de homens citados por D' Ávila, Jha (2021, p. 223), advertis que: "se nós, pais de meninos não brancos, estamos encaminhando-os para o feminismo, esperamos com certeza que os pais de meninos brancos venham conosco".

Muito além do preconceito: o assédio

Para além do preconceito por parte da família, algumas atletas ainda enfrentam manifestações de violências, que muitas vezes ultrapassa os limites do campo e envolve jogadores de futebol. Há inúmeros episódios de violências contra a mulher, cometidos por jogadores que refletem, não só o machismo da sociedade, como também os agravantes do meio do futebol, que reduzem a figura feminina a um objeto de consumo.

Há casos que vão desde falas, estupro e até homicídio por parte de dirigentes, técnicos, jogadores e ex-jogadores. No Brasil a violência contra a mulher, muitas vezes ainda gera uma sensação de impunidade observada em homem dito comum, o que se dirá pelo homem rico, famoso e idolatrado, como é o caso de muitos jogadores de futebol?

Tem-se uma ideia de que por conta de seu status, a mulher não tem direito de lhe negar nada, além de se sentir protegido pela devoção incondicional dos torcedores, que tendem a culpar a vítima quando um de seus ídolos se envolve num escândalo desse tipo. E é justamente, esse sentimento de culpa que muitas mulheres ainda relutam em denunciar quando são agredidas. A manifestação de poder masculino se evidencia ainda mais em situações como a descrita pela atleta 4.

> "Tem ponto que eu lembro, em que um dos times que eu jogava o treinador pedia foto nossa, fotos intimas mesmo, falava que ele tinha esse hábito e fazia bem para ele e falava com naturalidade e aquilo me chocou muito porque eu nunca fui esperava isso né? Ainda mais de um treinador que tecnicamente era muito bom e eu não imaginava que ele fazia isso" (A4)

CONCLUSÃO

Questões de gênero, muitas vezes são tratadas de forma jocosa, o que acaba por desqualificar lutas, que precisam ser vistas como lutas por direitos humanos. Assim, essas piadas reforçam e legitimam atos de violência, vistos como normalidade, perpetuando essa condição de vulnerabilidade.

A Educação tem fundamental importância para a provocação e reflexão sobre essas questões. O aprofundamento sobre misoginia, homofobia ou qualquer outra forma de preconceito, pode contribuir significativamente, para a percepção de que violência no esporte não

pode ser considerada apenas um dano colateral da violência na sociedade, nem um reflexo dela.

Ainda é necessário ampliar bastante o conhecimento e promover grandes debates na sociedade, visando mais esclarecimentos sobre as questões de gênero no futebol e no futsal.

A capacidade do ser humano de refletir e abominar qualquer ato de violência, ou seja na expressão que for, nos leva a acreditar que, independentemente de gênero, esta é uma questão da sociedade, por isso todos devem atuar juntos.

Contribuições para esta reflexão têm sido postas em grandes eventos, como o Mundial Masculino de Futebol de 2022. Personalidades como Dua Lipa, Shakira e Rod Stewart jogam luz para essas questões ao se negarem a participar das apresentações na abertura do evento, como forma de se posicionar sobre questões, como por exemplo, opressão de gênero, transfobias (MARTINS, 2022). Ou ações de jogadores como Irã (TUBAMOTO, 2022), Inglaterra, Alemanha, com enfrentamento às normas estabelecidas pela FIFA, que corroboram para o aumento dos preconceitos, garantidos pela ideia de respeito às culturas implementadas em alguns países, com o respaldo das leis que os mantém.

Nessa perspectiva insistimos que para avançarmos no combate às violências contra a mulher, os debates devem ser ampliados e divulgados, para que as ações possam ser planejadas de forma a garantir resultados efetivos e eficazes, para que possamos avançar na execução de políticas públicas que enfrentem esses tipos de preconceitos e violências, que motivem e garantam as escolhas femininas no esporte.

Este artigo não esgota o assunto e não tem a pretensão de cobrir todas as formas de violências contra as mulheres, mesmo as que estejam intimamente interligadas ao futebol ou futsal, mas sim pretende contribuir com argumentações informadas para mais discussões e, principalmente, levantar reflexões que possibilitem implementar ações eficazes que possibilitem rebater e se contrapor às violências contra mulheres.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Cadernos Pagu, n. 21, p. 281-315, 2003.

ARANOVICH, Lola in, LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Ed. Cultrix, 2019.

BANDEIRA, Gustavo. A.; SEFFNER, Fernando Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. Espaço Plural, *[S. l.]*, v. 14, n. 29, 2013. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426

CASTRO, Luciane de; Ricca, DARCIO. Futebol feminista: ensaios. Rio de Janeiro: Livros de futebol, 2020.

CASTRO, Roney Polato de. "O homem pode tudo"... "a mulher é um sexo inferior!"...: discutindo sexismo, machismo e violência contra as mulheres na formação em pedagogia. In: Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas, 4, 2015, Maranhão. Anais [...]. Maranhão: Uem, 2015. p. 1-15.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.Planeta do Brasil,2002.

D'ÁVILA, Manuela. Somos as palavras que usamos. São Paulo:

DEVIDE, Fabiano Pires, BRITO, Leandro Teófilo de Estudos das masculinidades na educação física e no esporte. São Paulo, Ed. nVersos, 2021

DUNNING, Eric; MAGUIRE, José; WUILLAUME, Patrice Charles. As relações entre os sexos no esporte. Estudos Feministas, p. 321-348, 1997.

ELSEY, Brenda, tradução Brainer, Larissa: Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. FuLiA/UFMG, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 39–50, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.4.1.39-50. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14656. Acesso em: 13 jun. 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista brasileira de história, v. 25, p. 315-328, 2005.

FREIXO, Manuel João Vaz. Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

GIULIANOTTI, Richard; BRANT, CALDEIRA, Wanda Nogueira; OLIVEIRA, Marcelo Nunes de. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de educação física e esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

JHA, Sonora. Como educar um filho feminista: maternidade, masculinidade e a criação de uma família. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. O currículo nos limiares do contemporâneo, v. 2, p. 85-92, 2001.

MARTINS, André. exame.com, Quem vai cantar na abertura da Copa do Mundo 2022?, Disponível em https://exame.com/esporte/abertura-da-copa-veja-horario-onde-assistir-e-quem-vai-cantar/, 2022 – Acessado em: 25/11/2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti, WENETZ, Ileana (ORGS.). Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas- Coleção Academia e Futebol vol.1, Curitiba Ed. CRV, 2020.

MURAD, Mauricio, A Violência No Futebol: Novas Pesquisas, Novas Ideias, Novas Propostas, 2 edição, rio de janeiro, Ed. Benvirá, 2018.

MURAD, Mauricio Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

SCHIMANSKI, E. Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, *[S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 59–66, 2019. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/13782.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, S. J. Racismo no futebol. Rio de Janeiro, Ed. HP Comunicação Editora. 2006.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, v. 19, p. 52-68, 1999.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. M. (Org.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação - Educação Física. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 71-86.

TIBURI, Márcia. Feminismo em comum: Para todas, todes e todos. Ed. Rosa dos Tempos;

TUBAMOTO, Fernanda Tieme. Estado de Minas Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/11/21/noticia-diversidade,1423876/jogadores-do-ira-nao-cantam-hino-nacional-como-forma-de-protesto-entenda.shtml - Acessado em: 25/11/2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado em dois momentos distintos de pesquisa, sendo a primeira etapa resultante de uma pesquisa bibliográfica, que resultou em um artigo de revisão de literatura e a segunda uma pesquisa de campo com entrevistas com quinze atletas universitárias de futsal. Nesta etapa pretendeu-se buscar a percepção das atletas em relação as questões de gênero e preconceito, de forma que atendesse aos objetivos propostos, essencialmente ligados as formas de violências contras as mulheres, no âmbito do futebol e futsal.

Diante dos estudos aqui apresentados, é inegável que as violências contra mulheres, provêm de uma sociedade que, apesar das lutas e conquistas femininas, ainda se comporta como patriarcal e machista.

Um debate amplo e robusto na sociedade, acompanhado da divulgação sobre essas lutas e conquistas femininas no esporte em geral, e em especial deste estudo, no âmbito do futebol e futsal, é urgente a fim de que haja compreensão de que não se trata de uma questão apenas cultural ou religiosa, trata-se de uma questão social, que precisa avançar para erradicar preconceitos, garantir direitos humanos e dignidade profissional.

Após as várias pesquisas percebemos que apesar das conquistas das mulheres praticando o futebol ou futsal como profissionais, dentro e fora do campo, ainda se observa, muito preconceito e poucas oportunidades para o desenvolvimento das atletas, por meio de treinos, competições e equiparação salarial, o que também se caracteriza como formas de violência como já foi amplamente demonstrado nesse estudo.

Acreditamos que os objetivos propostos nesse estudo foram alcançados de forma satisfatória, porém, há de se ressaltar que esse assunto nos mostra como uma fonte inesgotável de debates. A cada dia novos fatos surgem, sejam na sociedade, tais como grupos de homens que se propõem a resgatar a “masculinidade perdida” por meio da submissão das mulheres e pregando ódio, tais como Redpill, Incel e MGTOW (NERY, 2023), de jogadores de futebol presos ou acusados de algum tipo de violência sexual e até mesmo na diferença de estrutura entre os clubes de futebol, no que tange ao investimento nas equipes femininas.

Considerando os resultados obtidos neste estudo, atendendo às limitações que apresenta e às questões que foram surgindo durante a investigação, apresentam-se algumas sugestões para futuras investigações, que poderão contribuir para averiguar, clarificar ou

aprofundar aspectos que, apesar de relevantes, foram abordados superficialmente ou não foram explorados nesta dissertação.

Tendo em conta que este estudo foi realizado apenas num pequeno recorte de um grupo muito específico, seria interessante efetuar um estudo envolvendo outros grupos abordando outras perspectivas, tais como atletas profissionais de futebol e futsal,

Os resultados destes estudos poderiam apontar para práticas bem-sucedidas de casos concretos em termos de desenvolvimento do futsal e futebol de mulheres. Uma vez que este estudo se foca nas perspectivas das atletas universitárias sobre as violências sofridas, seria interessante estudar a prática em outros grupos, possibilitando a percepção de como atletas em diferentes níveis de desenvolvimento profissional encaram essas questões. Não só partindo da visão das mulheres, mas, também de homens ligados ao futebol e futsal, seja em qualquer grau de participação, tais como dirigentes, membros de comissão técnicas e até mesmo torcedores. Tal estudo implicaria não só analisar as respostas, mas principalmente propor ações efetivas e eficazes para erradicar questões ligadas as mais variadas formas de violência, não só no campo esportivo, mas principalmente na sociedade.

Estas sugestões de futuras investigações, às pesquisas aqui apresentadas, poderiam contribuir para reflexões que possibilitem alcançar divulgação e popularização mais ampla para grupos diversos e heterogêneos, na tentativa da construção de um modelo sociedade que respeite, inclua e enfrente a misoginia, o machismo e toda carga de violência contra as mulheres, que advém dessas concepções heteronormativas, mas que possam ser incluídos construção grupos que são excluídos, discriminados e que sofrem violências constantemente, como LGBTQIA+ e minorias étnico-raciais.

No ano de 2023 acontecerá a Copa do Mundo Feminina de Futebol, mais uma excelente oportunidade de visibilidade, mas principalmente contribuir para ampliação de debates e promoção de ações efetivas para que o futebol de mulheres tenha o devido reconhecimento e espaço para o seu pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABEL, João. Bicha: homofobia estrutural no futebol. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2019.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. O androcentrismo do torcer: do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo. **Conexões**, Campinas, SP, v. 20, n. 00, p. e022016, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8668348. Acesso em: 5 dez. 2022.

BURIGO, Joanna. Patriarcado Gênero Feminismo. Editora Zouk, 2022

KFOURI, Juca. Momento do esporte disponível em https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/393226/copa-se-politiza-ainda-mais-com-proibicoes-da-fifa.htm acesso em 26 de novembro de 2022.

NERY, Natuza**.** Redpill, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam ódio às mulheres disponível em https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/03/redpill-incel-mgtow-entenda-o-que-acontece-em-grupos-masculinos-que-pregam-odio-as-mulheres.ghtml acesso em março de 2023.

PAZ, Sérgio Miranda. O futebol como patrimônio cultural do Brasil: Estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao turismo e ao lazer. 2009. 189 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Merval. O ópio do povo disponível em https://www.academia.org.br/artigos/o-opio-do-povo acesso em novembro de 2022

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & amp; Realidade, *[S. l.]*, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 6 dez. 2022.

VEDOVE, Rebeca, Dalle. Futebol feminino: sua história e a busca pela igualdade. Universidade Estadual Paulista, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/214199>.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. Brasil teve recorde de feminicídios no primeiro semestre de 2022 disponível em https://ibdfam.org.br/noticias acesso em 15 de dezembro de 2022.

APÊNDICE A: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Sabendo da importância de sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa, você está sendo convidado a participar de maneira voluntária deste trabalho que tem como título: **VIOLÊNCIAS NO FUTSAL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS.**

O estudo, aqui proposto, justifica-se à medida que não somente contribui para aumentar o repertório acadêmico sobre o tema, mas visa também, entender como o preconceito leva a episódios de violência contra a mulher e como essa questão atrasa o desenvolvimento do futebol e futsal de mulheres no Brasil.

Esta pesquisa tem como objetivos; descrever as percepções de jogadoras universitárias de futsal no percurso de suas carreiras como atletas universitárias; investigar as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade em jogadoras de futsal; discutir o preconceito presente no futebol/futsal feminino e os estigmas associados a esse esporte.

Você foi selecionada por fazer parte da equipe de futsal da Atlética Universitária do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá ,Campus Nova Iguaçu.

Sua participação se dará por entrevistas, agendadas conforme sua melhor disponibilidade de horário, ocorrerá nas dependências da Universidade Estácio de Sá, Campus Nova Iguaçu, e serão realizadas de forma individual, preservando assim a sua identidade e o sigilo de todas as participantes.

Toda pesquisa pode trazer alguns riscos, pois expõe o participante a lembranças vivenciadas, sejam elas positivas ou negativas, bem como suas opiniões e sentimentos, esses riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou de ser identificado, estresse, quebra de sigilo, cansaço ou vergonha ao responder às perguntas, por outro lado apresenta benefícios, pois contribui com a produção e avanço do conhecimento na busca de novas propostas para a evolução do futsal e futebol de mulheres, a diminuição do preconceito e da violência.

Será garantida a manutenção do sigilo e da privacidade da participante durante todas as fases da pesquisa, por meio da LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018.

Como participante voluntária, você não terá custos, despesas ou geração de algum dano

financeiro proveniente de sua participação na pesquisa.

É garantida a liberdade da participante em recusar-se de participar da pesquisa ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Em qualquer momento, fica assegurado o esclarecimento de qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Ao final da pesquisa você terá direito ao relatório, constando os resultados.

Os dados coletados serão posteriormente transcritos, sendo utilizados para análise do estudo.

Todo material utilizado na coleta de dados, será descartado após 5 anos.

Sendo assim, eu _____ na posição de participante voluntária, afirmo ter sido informada sobre a finalidade, objetivo, riscos e benefícios desta pesquisa e estou ciente de que poderei solicitar informações e sanar dúvidas a respeito da pesquisa, bem como retirar meu consentimento, se assim eu desejar.

Sei que o sigilo dos meus dados pessoais será garantido e que esta pesquisa não gera custos financeiros para mim.

Em caso de qualquer dúvida, poderei entrar em contato com Rafael Simões, responsável pela pesquisa, no celular de número **(21) 99787-7841**;

declaro concordar em participar deste estudo.

Participante

Niterói_____ de

APÊNDICE B

Matriz da entrevista

I - Características pessoais, acadêmica e profissionais das atletas

1.5. Qual a sua idade?

1.6. Qual a graduação que está cursando?

1.7. Qual instituição?

1.8. Exerce alguma atividade profissional?

Se sim: Qual? Há quanto tempo?

II- Iniciação desportiva e Percurso no exporte:

2.1- Com que idade começou a praticar futsal ou futebol?

2.2- Como foi a sua iniciação no esporte? Porque a escolha pelo futsal?

2.3- Já jogou futsal ou futebol com meninos?

2.4- Frequentou alguma escolinha ou clube?

2.5- Havia um time exclusivo para meninas?

III- Discriminação e preconceito

3.7- Teve apoio do pai, mãe ou algum outro responsável, quando decidiu jogar futebol?

3.8- Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? De maneira geral ou só relacionado ao futebol?

3.9- Já presenciou casos de preconceito ou discriminação sofridos por outras mulheres? De maneira geral ou só relacionado ao futebol?

3.10- Já sofreu algum tipo de violência (física ou verbal)? idem

Se sim: Gostaria que narrasse um episódio que considere significativo que tenha vivenciado de uma violência

3.11- Já presenciou casos de violência (física ou verbal) sofridos por outras mulheres? idem

Se sim: Gostaria que narrasse um episódio que considere significativo que tenha presenciado de uma violência

3.12- Qual o grupo que mais discrimina (homens ou mulheres)? idem

IV- Sexualidade e padrões de feminilidade:

4.4- Sente-se a vontade para falar sobre a sua orientação sexual?

4.5- Em caso positivo na questão anterior, qual a sua orientação sexual?

4.6- Acredita que há algum estereótipo relacionado à feminilidade com as praticantes de futsal e futebol?

Gostaria de falar mais alguma coisa que não foi abordada nesta

ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA - ASOEC - UNIVERSO

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIAS NO FUTSAL FEMININO: PERCEPÇÕES DE ATLETAS
Pesquisador: rafael gustavo lopes simões
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 65821222.5.0000.5289
Instituição Proponente: Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

DADOS DO PARECER

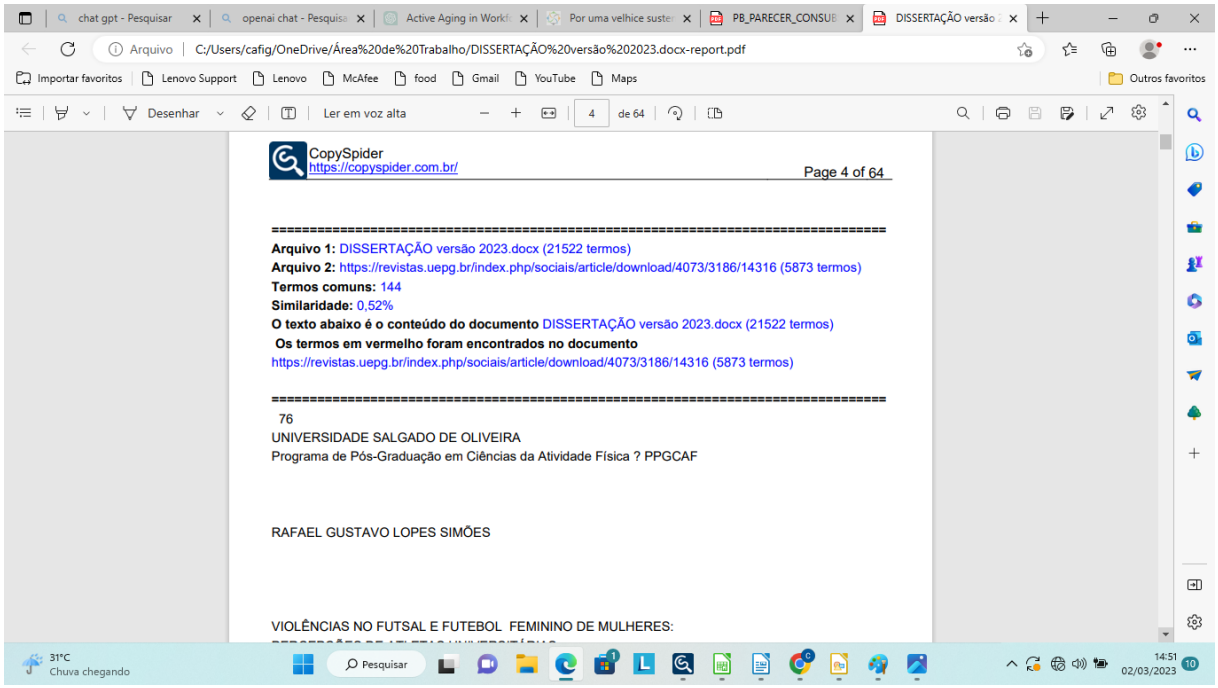
Número do Parecer: 5.888.122

Apresentação do Projeto:
O estudo está dividido em duas partes. A primeira refere-se a uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Para realizar este estudo,
procedeu-se a uma busca por autores que tiveram como objeto de estudo a violência no futebol e no futsal, de forma ampla e, em especial às
violências sofridas pelas nestes esportes, ao longo do tempo, utilizando-se das seguintes palavras chaves Futebol e futsal de mulheres; violência e
esportes; gênero e esporte, preconceito e esporte, feminismo e esporte. Visando o aprofundamento desta questão importante de nossa sociedade,
para este estudo, será feito um recorte sobre o Futsal Feminino, sendo realizadas entrevistas com atletas universitárias de futsal de universidades
públicas e particulares do Estado Rio de Janeiro, principalmente na região metropolitana e Baixada Fluminense.

Endereço: MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo
Bairro: CENTRO **CEP:** 24.030-060
UF: RJ **Município:** NITEROI
Telefone: (21)2138-4983 **E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br

Ender MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica
Bair CENT **CE** 24.030

ANEXO D – RELATÓRIO COPYSPIDER



CopySpider
https://copyspider.com.br/
Page 4 of 64

==========

Arquivo 1: DISSERTAÇÃO versão 2023.docx (21522 termos)
Arquivo 2: https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/download/4073/3186/14316 (5873 termos)
Termos comuns: 144
Similaridade: 0,52%
O texto abaixo é o conteúdo do documento DISSERTAÇÃO versão 2023.docx (21522 termos)
Os termos em vermelho foram encontrados no documento
https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/download/4073/3186/14316 (5873 termos)

==========

76
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física ? PPGCAF

RAFAEL GUSTAVO LOPES SIMÕES

VIOLÊNCIAS NO FUTSAL E FUTEBOL FEMININO DE MULHERES:

DEMAIS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS:

Palestrante na terceira etapa do Primeiro ENCONTRO NACIONAL DE FUTEBOL EM CADEIRAS DE RODAS em setembro de 2022, com apresentação do trabalho intitulado VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NO FUTEBOL.

Mediador na terceira etapa Primeiro ENCONTRO NACIONAL DE FUTEBOL EM CADEIRAS DE RODAS em setembro de 2022, na mesa redonda com atletas de PowerSoccer com tema sobre a participação das mulheres no futebol em cadeiras de rodas.

O artigo de revisão "VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES FUTEBOLISTAS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA foi submetido e o aceite na forma de resumo expandido no SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA DO MOVIMENTO, 2, Anais. Niterói: Universidade Salgado de Oliveira, 2022. https://doi.org/10.51995/2675-0333.v4i1e2020028 ,ocorrido no ano de 2022, envolvendo docentes e discentes de instituições brasileiras, na Universidade Salgado de Oliveira, na cidade de Niterói, Brasil. A proposta do seminário, para além de observar os mecanismos culturais que marcam os corpos, teve por objetivo refletir e semear ideias sobre o aspecto ativo do corpo na cultura. O foco foi no corpo agindo em relação aos códigos sociais, interpretando-os e modificando-os.

O artigo de revisão de literatura “O ASPECTO SOCIAL DA INCLUSÃO, INTEGRAÇÃO E EXCLUSÃO: IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO DA ATIVIDADE FÍSICA”, foi submetido e publicado no periódico Human and Social Development Review – ISSN 2675-8245, v.2, n.1, e10010, em abril de 2021.

http://www.hsdr.periodikos.com.br/

Submetido o manuscrito do artigo de resultados: "VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES FUTEBOLISTAS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA” para a Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esportes e Sociedade ,ISSN 1809-1296, da Universidade Federal Fluminense. Aguardando, até a presenta data, na situação de: “submissão”, o aceite através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão.
https://periodicos.uff.br/esportesociedade/authorDashboard/submission/56983